

Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 3\$00
ASSINATURA ANUAL 30\$00

Ano IX — Número 107

Novembro de 1971

Semana de Oração e Sacrifício

(13 A 20 DE NOVEMBRO)

O tema para as mensagens da Semana de Oração deste ano é «MARCOS DA VERDADE». As leituras designadas para cada dia são da maior oportunidade para o nosso tempo. Lembrem-nos que é perigoso remover os marcos da verdade que fizeram do Movimento Adventista do Sétimo Dia o que ele é hoje. Vários dos ensinamentos doutrinários da igreja remanescente são focados nas leituras.

Temos a preocupação de tornar clara aos homens de todo o mundo a divina Palavra de esperança. Somos um povo que baseamos nas Santas Escrituras o nosso inconfundível e oportuno apelo. Consequentemente, devemos ser um povo de inabalável propósito e paixão moral, um povo com o fulgor da eternidade em nossos olhos. Não só avançamos com uma compreensão cada vez mais clara da vontade de Deus em relação aos homens de hoje, mas remontamos também através dos séculos em busca de uma base autêntica para as nossas mensagens ao mundo.

Nestes últimos dias Satanás procurará remover ou minimizar os marcos da verdade. Tentará minar a confiança nas verdades da palavra de Deus tornando difícil distinguir entre a verdade e o erro. «Ele, Satanás, trabalha hoje como o fez no Céu, para dividir o povo de Deus, justamente na derradeira etapa da história terrestre. Ele busca suscitar dissensão, levantar contenda e discussão, e remover, se possível, os velhos marcos da verdade confiada ao povo de Deus. ... É quando Satanás aparece como anjo de luz que ele apanha as almas em sua cilada, enganando-as.» — Evangelismo, págs. 359, 360.

Por isso é essencial que nestes últimos dias tenhamos firmes convicções quanto às nossas crenças. Devemos ter um conhecimento inteligente do que é a verdade. Devemos basear-nos resolutamente num claro «Assim diz o Senhor». Devemos estar firmemente ancorados, pela nossa experiência pessoal, na Rocha da nossa salvação. Esta é a razão pela qual fomos admoestados: «Nunca, pois procureis remover um marco sequer que o Senhor tenha dado ao Seu povo. A verdade mantém-se firmemente estabelecida sobre a Rocha eterna — fundamento que nenhuma tormenta nem tempestade poderá jamais abalar.» — Testimonies, vol. 8, pág. 162.

A marcha do cristão para o reino é progressiva e rectilínea. Vozes da esquerda e da direita reclamarão prioridade de atenção. Mas para os Adventistas do Sétimo Dia não há influências nem caprichos que defenham o seu avanço nem desviem a sua direcção. Com o brilho da eternidade em seus olhos, edificarão sobre os marcos que a Santa Escritura fixou.

Oficiais da Conferência Geral

Marcos que Caracterizam a Maturidade Cristã

ROBERT H. PIERSON

Presidente da Conferência Geral

A visão de Jesus glorificado que Saulo de Tarso teve no caminho de Damasco mudou, completamente, o curso da sua vida. Saulo, o fariseu, foi derrubado, mas um outro se ergueu: Paulo, o zeloso missionário. Que contraste entre o perseguidor do capítulo 8 dos Actos e o humilde servidor do capítulo 11! A vida do apóstolo Paulo é uma deslumbrante manifestação da maneira como todo o verdadeiro filho de Deus pode chegar à perfeição cristã.

Nos seus escritos, a Irmã Ellen White insiste nos antigos fundamentos ou nos antigos marcos indicadores que constituem os diversos pontos de doutrina que fazem de nós um povo distinto de todos os outros. São as inumeráveis chaves de cúpula que sustentam a nossa fé e que nos hão-de preservar do erro até à volta do Salvador. Estes marcos encontram-se ao longo do caminho que a Igreja de Deus tem de percorrer até ao Reino dos Céus.

Nas versões modernas do Novo Testamento, a palavra «perfeição» foi utilizada para traduzir o vocábulo grego *teleios*, que exprime a ideia de plenitude, de acabamento, de completo desenvolvimento, de maturidade. A perfeição cristã implica o crescimento espiritual e a semelhança total com Jesus.

As etapas que levam o cristão à perfeição são constituídas por aquelas verdades transformadoras do Evangelho que nos tornam cada vez mais conformes com o divino Modelo. Devemos todos nós, em primeiro lugar, encontrar Jesus e, depois, seguir, passo a passo, com Ele.

O ABC do Evangelho

O apóstolo Paulo conheceu uma verda-

deira conversão. Mas não foi tão súbita, como geralmente se pensa. O Espírito de Deus trabalhou, muito tempo, no coração do perseguidor que estava atormentado pela lembrança do testemunho de Estêvão e da vida de Jesus. Depois, de repente, na estrada de Damasco, o orgulhoso fariseu abandonou toda a resistência e chorou, abundantemente. Recebeu, então, a garantia do perdão e o Senhor deu-lhe a conhecer o que dele esperava.

«Vivo eu, mas já não eu, pois é Cristo quem vive em mim». É nestes termos que o apóstolo falará, mais tarde, da sua experiência com Jesus. A visão da estrada de Damasco foi para ele o ponto de partida de uma nova vida. O mesmo também deve ser para nós: o nosso encontro com Jesus tem de marcar o começo da nossa santificação. «Todos pecaram», «Eis o Cordeiro de Deus», «Cristo morreu pelos nossos pecados»: tal é o ABC do Evangelho.

Na sua Epístola dirigida aos cristãos de Roma, o apóstolo Paulo dá uma viva descrição da condição moral do homem: «Todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus»; nós somos «carnais, vendidos ao pecado»; «não há um justo, nem um só»; «o que é bom... não habita na carne»; sem Jesus, o ser humano está «cheio de toda a espécie de injustiça»... Dado, pois, o seu estado de pecado, se o homem não receber o socorro vindo do alto, o seu caso é desesperado. Não é, decerto, um quadro alegre!

Uma esperança!

Mas haverá, porventura, qualquer esperança? Que poderá, então, fazer o pecador? Como é que se poderá ser justo? Na situação desesperada, em que se encontra, o

homem *não pode fazer absolutamente nada*, por si mesmo, para ser aceito de Deus. Mesmo que tivesse uma vida aparentemente irrepreensível, se todos os que com ele convivem testemunhassem que não transgredia a lei — toda a sua integridade seria em vão. Como o apóstolo claramente afirma: «ninguém será justificado diante d'Ele pelas obras da lei». O homem só se pode arrepender, confessar os seus pecados e pôr a sua confiança em Deus para que o mesmo Deus acabe no pecador a Sua obra.

O Irmão Arthur G. Daniells resumiu, assim, esta magnífica experiência: «Consideremos um homem nascido no pecado. Como Paulo diz, este homem «está cheio de todas as injustiças...» Mas, eis que sobre ele o amor de Deus resplandece da cruz do Calvário e quebranta-lhe o coração. Este homem arrepende-se, confessa os seus pecados e, pela fé, aceita a Jesus como seu Salvador. Nesse mesmo instante, Deus recebe-o como Seu filho. Todos os pecados lhe são perdoados e a sua culpabilidade é apagada. É considerado como justo e a lei divina já não o condena. Esta mudança surpreendente e miraculosa pode produzir-se instantaneamente. Tal é a justificação pela fé». — (*Christ our Righteousness*, p. 15).

Isto é tão simples que muita gente o esquece. Certas pessoas pensam que devem esforçar-se por compensar as suas faltas passadas e reparar os seus erros.

«Aquele que se esforça por chegar à salvação pelas suas próprias obras, observando a Lei, tenta o impossível. O homem não pode ser salvo sem a obediência; mas as suas obras não provêm de si mesmo. É Jesus quem deve produzir nele o querer e o fazer segundo o seu beneplácito». — E. G. White, *Review and Herald*, 1 de Julho de 1890.

O apóstolo Paulo descreve magnificamente a vida nova em Jesus, vida esta que nos é comunicada quando permitimos que o Senhor tome a direcção da nossa vida e *acreditamos* realmente n'Ele: «Agora, por causa da nossa fé, somos considerados por Deus como justos, temos a paz com Ele, graças a Jesus Cristo nosso Senhor. Pela Sua obra, fez-nos entrar em novas relações com Deus e pela fé n'Ele, também n'Ele permanecemos firmes. Mas, há mais: graças a Ele, temos a alegre certeza de que, para o futuro, Ele nos reserva a participação da Sua própria glória. Isto não

significa, de modo algum, que a nossa alegria se limita a esperar. Desde agora, aqui mesmo, podemos-nos regozijar no meio de todas as nossas tristezas, porque elas exercitam a nossa paciência, confirmam a nossa fidelidade e estimulam as nossas esperanças; e estas esperanças jamais serão desiludidas, porque os nossos corações já conhecem o amor de Deus que o Espírito Santo acende em nós».⁽¹⁾

A justificação pela fé é o único fundamento sólido sobre o qual podemos edificar a nossa vida cristã. As obras, as emoções passageiras e o sentimentalismo superficial são fundamentos pouco seguros. É só a fé em Jesus Cristo que nos pode impedir de soçobrar.

Teremos, inevitavelmente, como todos os crentes, os nossos problemas e os nossos reveses. A vida cristã é uma luta constante. Mas lembremo-nos de que temos uma esperança e que não estamos sem o devido auxílio!

«Demos graças a Deus, que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo!», escreve o apóstolo Paulo. «Jesus sabia que o inimigo se aproximaria de todo o ser humano, aproveitando-se das fraquezas hereditárias, e que se esforçaria por apanhar nas armadilhas das suas falsas insinuações todos os que não confiam em Deus. Pisando o caminho que o homem tem de percorrer, o Senhor preparou a vereda para a nossa vitória. Não é da Sua ontade que nos encontremos em desvantagem na nossa luta contra Satanás. Deus não quer que estejamos intimidados e desencorajados pelos assaltos do adversário. «Tende bom ânimo diz Ele — pois eu Venci o mundo». (*O Desejado de Todas as Nações*), pág. 123.

«Não vos sobreveio nenhuma tentação que não fosse humana», declara o apóstolo Paulo, que nos dá, seguidamente a garantia de que seremos ajudados na formação do nosso carácter: «Deus, que é fiel não permitiria que sejais tentados para lá das vossas forças. mas com a tentação, preparara, também, o meio de sairdes dela, para que a possais suportar».

«Tomai-me como refúgio»

«Os que quiserem aliar-se com o Deus do céu não serão abandonados ao poder de Satanás nem à fraqueza da carne. O Salva-

dor convida-os a recorrer à Sua protecção e a fazer as pazes com Ele». (*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 258).

Vitorioso em Jesus, e protegido pelos anjos, o cristão espiritualmente adulto, avança corajosamente para «alcançar o prêmio da vocação celeste de Deus, em Jesus Cristo». «Esquecendo o que está para trás e avançando para o que está à frente, eu corro para um alvo», declara o apóstolo Paulo. Fixara ele, para si mesmo, um alvo, e não havia nada que o pudesse desviar desse alvo. A sua vida espiritual podia resumir-se assim: «uma coisa eu faço». Nenhum assunto de importância secundária, nenhuma sedução do mundo, nenhuma relação social conseguiriam distraí-lo. Embora seja tentado e experimentado, o cristão firme na sua fé não perde a coragem. A perseverança para alcançar um só objectivo é uma das condições da perfeição cristã.

Múltiplos assaltos

Antes da Volta de Jesus, muitos supostos reformadores hão-de procurar atrair a nossa atenção. «Seduzirão o povo de Deus e misturarão com os seus erros os testemunhos de Ellen White, utilizando o seu nome para dar influência à obra deles». — *Testemunhos para Ministros*, pág. 42.

Dirão esses tais que são portadores de novas luzes. Procurarão «levar os discípulos atrás deles». A apóstolo Paulo qualifica-os de «lobos cruéis». Hão-de dedicar-se, principalmente, a uma crítica amarga contra os dirigentes do nosso Movimento. Lembremo-nos das palavras da Mensageira do Senhor: «Deus não negligenciou o Seu povo nem escolheu um homem aqui, um outro acolá, como se fossem os únicos dignos de receber a Sua verdade. Deus não dá a um deles uma nova luz contrária à fé sólida do corpo da Igreja». — *Testemunhos Selectos*, vol. 2, pág. 119.

No outro extremo, há forças no mundo que procuram minar a confiança na Palavra de Deus. Uma estranha agitação religiosa manifesta-se na maior parte dos países ocidentais. Rejeitam-se os antigos princípios da fé. As Sagradas Escrituras, o Jesus do Novo Testamento, os milagres bíblicos, tudo é objecto de violentos ataques. Um jornalista americano declarou que «o mundo desesperava cada vez mais de conhecer a Deus... Este desespero agravou-se,

à medida que a ciência e a técnica levantam inúmeras perguntas, às quais não se pode dar uma resposta científica».

Não é só a divindade de Jesus Cristo, mas até a própria existência de Deus que estão seriamente postas em dúvida, em certos meios. Apareceu uma nova moralidade mais tolerante. Afirma-se que não há nenhuma exigência absoluta e que tudo está em função das situações particulares.

Não temos que nos admirar destes ataques. Já há vinte séculos que a Palavra de Deus revelou que tais vozes se ouviriam no fim dos tempos: «Nos últimos dias virão escarnecedores», predisse o apóstolo Pedro. Também Paulo nos dá o seguinte conselho: «Tomai cuidado que ninguém vos faça presa da sua filosofia nem do seu vão engano, apoiando-se em tradições dos homens, sobre os rudimentos do mundo, e não sobre Jesus Cristo».

guarda contra estes ensinamentos perniciosos que se insinuariam entre os membros da Igreja Remanescente: «Alguns hão-de procurar minar os fundamentos da nossa fé e derrubar-lhes as colunas.» (*Review and Herald*, 13 de Dezembro de 1892). E acrescenta: «Os resultados das nossas investigações que fizeram de nós o que somos devem ser preservados, e serão, tal como Deus o anunciou na sua Palavra e nos testemunhos do Seu Espírito». — (*Counsels to Writers and Editors*, pág. 52).

Apesar dos assaltos do adversário, o cristão prosseguirá sempre em frente sem tropeçar. Não escutará as vozes sedutoras que o procuram desviar do seu caminho. Não se parecerá com uma criança, flutuando e levada ao sabor de todos os ventos de doutrinas.

Parecer-se com Jesus

«O ideal da vida cristã é possuir um carácter semelhante ao de Jesus». (*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 331). Se amamos, realmente, a Jesus, se tivermos sido purificados e curados por Ele, só teremos um desejo: estarmos impregnados do Seu Espírito, vivermos da Sua vida e revelar a Sua graça a todas as pessoas que nos rodeiam. «Se Jesus, nosso Modelo, estiver sempre diante dos nossos olhos, então contrairemos novos hábitos, subjugaremos o poder da hereditariedade e das tendências adquiridas, será reduzida a pó a nossa pró-

pria justiça, será transformada a nossa antiga maneira de pensar, e ainda será dominado todo o velho desejo de supremacia, considerado como detestável». — (*Our High Calling*, pág. 99).

«Jesus é o nosso socorro. Temos de vencer n'Ele e por Ele... Dar-nos-á a graça e a força, de que necessitamos, se isso Lhe pedirmos... Repousando em nós o Espírito de Cristo, transformará o nosso carácter, desenvolverá as nossas faculdades e ajudar-nos-á a adquirir as virtudes cristãs. 'Basta-me a minha graça' — disse Jesus». (*Idem*, pág. 29).

Que o Senhor nos ajude a viver em comunhão estreita com Ele para sermos guardados no caminho da perfeição cristã e estarmos prontos, para o dia em que em breve O contemplaremos na Sua glória!

Que todos os que se encontram presentes nesta reunião examinem, mui seriamente e num espírito de oração, quais são as suas relações pessoais com o seu Salvador. Não devemos continuar a caminhar na antiga estrada, na qual estamos sempre a cair nos mesmos carreiros. Jesus pode dar-nos a vitória. Não queremos nós depôr a Seus pés todas as coisas e ficar com a certeza plena de que estamos em boas relações com Ele? E não queremos, também, recon-sagrar-nos a Ele para que O possamos servir melhor, nestes difíceis dias que se abrem diante de nós?

(¹) «*Cartas a uma jovem igreja*», tradução das *Epístolas de Paulo*, por J. P. Benoit, pág. 159.

DOMINGO

Marcos que Asseguram a Liberdade

GORDON HYDE

Secretário-adjunto da Conferência Geral

«A antiga ordem das coisas não cumpriu as suas promessas. por isso, vamos destruí-la!»

Tal é o grito de guerra da revolução. Os Adventistas do Sétimo Dia que sabem olhar de frente para a verdade, têm de decidir a maneira como hão-de responder a este santo-e-senha que caracteriza tantos dos movimentos modernos.

Os Adventistas sabem que o nosso século não trouxe a idade de ouro. São sensíveis à pobreza, às lutas tribais, às vítimas da guerra, à poluição do ambiente e esforçam-se por aliviar a miséria humana. Além disso, também dirigem os seus olhares para a renovação total que está diante deles, sabendo que o futuro deste mundo não foi confiado àqueles que pretendem subverter o presente estado de coisas. A grande sub-

versão que sobrevirá à humanidade será obra do Senhor, no seu Segundo Advento.

Suspirando por esta nova criação que há-de pôr fim à miséria e à angústia da humanidade, os Adventistas olham, também, com confiança para o mesmo passado: a maneira como Deus criou o mundo ajudados a adquirir a certeza de que será o próprio Deus a dizer a última palavra e a realizar, num futuro bastante próximo, todas as transformações necessárias.

Enquanto a maior parte dos nossos contemporâneos se perdem em conjecturas relativas às origens do mundo e do homem, os Adventistas do Sétimo Dia e, com eles, muitos outros Cristãos, aceitam a narração da criação tal como Deus a revelou na Bíblia.

Os Adventistas reconhecem que esta revelação não lhes dá a solução pormenori-

zada de todos os problemas científicos que, actualmente, se levantam. Contudo, a narrativa bíblica das origens da vida e a do dilúvio constituem uma base sólida para a investigação científica e permitem evitar os obstáculos fundamentais das teorias da evolução. Mas, há ainda mais: a crença na narrativa bíblica da criação tem repercussões sobre a nossa vida moral e espiritual, domínios estes em que a ciência experimental não pode fornecer nenhuma explicação válida.

A nossa confiança na Bíblia nem é irracional nem anticientífica. É evidente que a aceitação dos ensinamentos das Sagradas Escrituras relativos à natureza do homem e à existência de Deus se repercutem no comportamento dos seres humanos. Foi sempre assim, no decorrer dos tempos.

O que a revelação de Deus foi para Abraão, Moisés e Daniel, para Pedro, Maria e Paulo, para Huss, Lutero e Bunyan, para Miller, Bates e para os Whites — isso mesmo deve ser, igualmente, para os habitantes de Washington, de Paris, de Berlim e das ilhas de Salomão. Tal poder transformador é o primeiro fundamento da verdade bíblica. Interrogai os ladrões, os alcoólicos, os canibais, a quem a Palavra de Deus lhes transformou a vida. Pedi-lhes que vos digam o que o poder daquela Palavra divina operou nas suas vidas. O seu testemunho constituirá a melhor prova a favor da perenidade e da eficácia das Sagradas Escrituras.

Quando um homem faz de Jesus Cristo o Senhor da sua vida, encontra a liberdade e a esperança cristãs. Fica liberto da lei do pecado e da morte que está gravada nos seus membros. Encontra o seu prazer em conformar-se, cada vez mais, com a vontade de Deus, expressa na lei da liberdade, os Dez Mandamentos, e brilhantemente ilustrada na pessoa de Jesus, nosso Senhor. O cristão autêntico é uma prova irrefutável de que os caminhos de Deus garantem ao ser humano uma liberdade e uma alegria completas.

Os grandes deste mundo encontram-se, hoje, colocados perante os problemas da guerra, da pobreza, da ignorância, da poluição dos recursos naturais, da superpopulação, da violência, dos conflitos raciais, da fome, da doença, da morte, e pedem, com certa impaciência, aos Cristãos que lhes digam as soluções propostas por Deus nas

Sagradas Escrituras. Isto significa, na realidade, que eles consideram que, porventura, o Cristianismo permitiu resolver os problemas dos séculos passados, mas que talvez seja incapaz, agora, de se defrontar com a situação dramática do nosso mundo moderno.

Contudo, os Adventistas admitem que a gravidade dos problemas actuais ultrapassa a compreensão humana. Mas também temos o direito de pedir aos que criticam a Igreja que nos tracem um quadro completo da angústia e perturbação do mundo moderno.

Os que acreditam na Palavra de Deus nunca pretenderam que o paraíso se instauraria na terra, graças aos progressos da civilização. É uma das razões principais pelas quais os Adventistas conferem uma tão grande importância à Segunda Vinda de Cristo.

Os Adventistas afirmam, igualmente, que a Palavra de Deus enuncia princípios aplicáveis à vida do indivíduo e das famílias, assim como aos governos das nações, e que, se tais princípios tivessem sido respeitados, fielmente, desde os tempos de Abraão, a maior parte dos problemas actuais teria podido ser evitada. Além disso, a graça transformadora de Jesus Cristo que dá aos homens o poder de se tornarem filhos de Deus, ter-lhes-ia permitido viver de harmonia com as leis eternas e benéficas do reino dos céus. Tal haveria sido o glorioso destino da posteridade de Abraão.

A incredulidade persistente e renovada do antigo Israel impediu-o de seguir o plano divino. Esse espírito de rebelião preparou-o para rejeitar o Messias, quando Este veio ao mundo para nos dar o exemplo de uma vida perfeita em Deus.

A epístola aos Hebreus afirma que «a palavra que lhes foi anunciada não lhes serviu de nada, porque ela não encontrou fé nos que a ouviram». Por isso, não puderam «entrar no seu repouso». O Senhor ofereceu-nos a possibilidade de termos êxito, precisamente, naquilo em que Israel falhou, que é em obter a herança eterna que lhe foi prometida.

Fôra dada a oportunidade ao antigo povo de Israel de trocar a servidão do Egito pela Terra prometida, uma terra de liberdade, um país «onde corriam o leite e o mel». Tomaram posse de uma parte daquele território, mas não o fizeram com a fé e a

obediência ao Senhor. Por isso, as promessas de paz, de liberdade e de repouso que lhes haviam sido feitas, não se cumpriram. Aquela terra não se lhes submeteu, conforme o plano divino. A obediência aos preceitos divinos ter-lhes-ia dado a prosperidade, a paz e a saúde. A sua incredulidade e as suas transgressões tiveram, naturalmente, como consequências, novas servidões, a condenação e a morte.

Em que condição espiritual é que nós nos encontramos?

«Nós que estamos chegados ao fim dos séculos», temos sabido colher os conhecimentos deidos da história de Israel? Temos a consciência de que «a Palavra de Deus é viva e eficaz e mais penetrante que espada alguma de dois gumes, e penetra até à divisão da alma e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração»? Lembra-mo-nos, efectivamente, de que «tudo está nu e patente aos olhos d'Aquele a Quem devemos prestar contas» e que seremos julgados pela «palavra viva e permanente de Deus», fundada sobre a «lei real». Pedimos nós, todos os dias, a graça divina que nos permitirá «falar e agir como devendo ser julgados por uma lei de liberdade»?

Os homens podem encontrar pesada a coacção que a lei real, a lei da liberdade, impõe à sua natureza má. A verdade, porém, é que, dentro em breve, se encontrarão perante esta antiga lei, — que nada perdeu do seu valor — por ocasião do juízo final. Os que, aqui, neste mundo, aprenderam a amar a Deus e a respeitar a sua Lei, e que encontraram a verdadeira liberdade em «Cristo, a esperança da glória», serão introduzidos no reino da liberdade, onde «o justo praticará ainda a justiça» durante a eternidade.

Algumas mudanças terão de ser feitas em nós para podermos entrar no reino eterno. Não pedimos a Deus que modifique

a sua Lei. É que, se o mesmo Deus pudesse fazer tal coisa, então nem o próprio céu seria um lugar seguro! É a transformação do nosso coração que nos tornará aptos para vivermos na sociedade dos seres celestiais. Demos graças a Deus por termos um supremo sacrificador, um sumo sacerdote, compassivo e misericordioso, que «foi tentado como nós, em todas as coisas, sem cometer pecado» e que «pode salvar perfeitamente os que se aproximam de Deus por Ele», os que se aproximam «com confiança do trono da graça».

Alguns membros da igreja estabelecem uma distinção entre as diferentes faltas que cometemos e preocupam-se com pecados que qualificam «de inconscientes».

Pensam os Irmãos e Irmãs que existe uma categoria de pecados que não esteja coberta pela palavra «perfeitamente» de Hebreus 7:25? Crentes, como Bunyan, Wesley, Lutero e Ellen White confiaram, plenamente, nesta palavra para serem descarregados do fardo de todos os seus pecados!

Para aqueles que consideram irrisória a «velha moral da Lei de Deus e que repeliaram o seu amor, que dia terrível não será aquele, em que serão citados a comparecer perante o trono de Jesus! Verificarão, já demasiado tarde, que essa «antiga» lei é a base do governo divino, a norma segundo a qual todo o homem será julgado.

Verificarão que teriam podido escapar, pela fé, à mortal angústia dos réprobos, e partilhar da alegria dos seus amigos que acreditaram em Jesus, no Seu perdão e no Seu poder transformador. Os princípios do Senhor levam, sempre, para o céu. Quebram as cadeias do pecado, libertam os crentes do temor do futuro e colocam-nos, finalmente, fora do alcance da morte eterna.

Demos muitas graças a Deus pela liberdade que encontramos no Seu amor e na Sua vontade!

Marcos para uma Vida Nova

STANISLAS DABROSKY

Presidente da União Polaca

Os homens já não se contentam com o percorrer a terra, em todos os sentidos; viajam, agora, pelo espaço fora. Embora disponham, para se deslocar, de diferentes meios técnicos, bastante aperfeiçoados, devem, contudo, recorrer, ainda, às velhas sinalizações para se dirigirem e chegarem ao seu destino.

No passado outono, tive oportunidade de ir a uma pequena povoação para a inauguração de uma igreja. Como nunca tinha feito aquele percurso, tinha de consultar, frequentemente, o mapa da estrada. Devia ir dar a uma estrada principal; ao longo das estradas, os sinais de viação indicavam o caminho; aproximava-me do termo da viagem, quando vi um sinal indicando que tinha de voltar para a esquerda; só me faltavam cinco quilómetros; mas estes últimos quilómetros foram os mais difíceis de toda a viagem: a estrada encontrava-se em péssimo estado: esburacada e cheia de poeira; já caíra a noite e sentia-me cansado. Finalmente, cheguei, com viva emoção, até junto do edifício em que se realizaria a cerimónia histórica da consagração da igreja. Numerosos irmãos e irmãs ali me esperavam e todos me saudaram cordialmente.

Também a Igreja está em marcha, através de uma estrada bem sinalizada, mas cortada de numerosos obstáculos, dificuldades e aflições.

Muitas vezes, ficamos como que cegos com o nevoeiro, somos sacudidos pela tempestade, e várias circunstâncias desfavoráveis perturbam a nossa viagem. Por vezes, sentimo-nos fatigados, tanto física como espiritualmente. Mas prosseguimos o nosso caminho, guiados pela Palavra de Deus e sustentados pela fé.

Aproxima-se a fim da nossa peregrinação terrestre

Na sua misericórdia, o Senhor deu-nos excelentes postos de sinalização. Quando os lemos, ficamos a saber que a nossa peregrinação terrestre se aproxima do fim. Estamos reconhecidos ao Senhor, pelas verdadeiras fundamentais reveladas na Sua Palavra e pela luz que espalhou sobre a Sua Igreja, pelo Espírito de Profecia. Sabemos, por isso, *donde* vimos, e para *onde* vamos. Recebemos de Deus a garantia de que a Igreja Adventista se encontra marchando pelo caminho que conduz ao reino dos céus.

Temos de prosseguir, sempre, em frente, e apressar o passo, tendo continuamente os olhos em Jesus «autor e consumidor da nossa fé» (Hebreus 12:2). Mas Jesus não é, apenas, o começo e o fim; é, também, o nosso constante companheiro de viagem, «o marco indicador» por excelência. Ouvimos, distintamente, a sua voz que nos diz: «Eu sou o caminho, a verdade e a vida» (João 14:6). Sigamos, portanto, as indicações divinas até acabarmos, vitoriosamente, a nossa peregrinação terrestre.

Demos muitas graças a Deus, pela Sua Palavra!

A Igreja Adventista encontrou nela uma bóia de salvação que socorre os homens arrancando-os das trevas do erro, onde estavam mergulhados. A própria Bíblia anunciou que as brechas e as roturas feitas na Verdade, seriam reparadas pela Igreja remanescente.

Fiéis à Palavra de Deus

Certos cristãos pertencendo a outras de-

nominações perguntam-nos, muitas vezes, qual é a razão do progresso e da vitalidade da nossa Igreja. Respondemos-lhes, simplesmente: «A sua fidelidade à Bíblia». Os Adventistas são os herdeiros das verdades descobertas pelos Reformadores e pelos pioneiros da fé. Por consequência, a Bíblia desempenhou, sempre, um papel primordial no seio da Igreja Adventista. Constitui a Bíblia a autoridade suprema à qual os Adventistas aderem firmemente, apesar de várias correntes teológicas procurarem, hoje, minar a confiança dos crentes na Palavra de Deus. Muitas vezes, os teólogos modernos substituem um «eu penso», ou «um tal declarou», pelas expressões formais «Assim diz o Senhor» claramente registadas na Sagrada Escritura. S. Mateus diz no seu Evangelho que Jesus tinha a reputação de ensinar «como tendo autoridade e não como os escribas» (Mateus 7:29).

Os escribas do Espírito de Profecia têm, largamente, contribuído para preservar, nas nossas fileiras, a autoridade da Bíblia. A Irmã Ellen White apelava, constantemente, para esta autoridade e considerava as mensagens escriturísticas a regra de fé e de conduta do cristão. Ao longo da história da nossa Igreja, tem o Espírito de Profecia desempenhado um papel importante na elaboração da teologia adventista: as suas mensagens continuam a ser sempre consultadas com toda a solicitude.

Jesus exortou os Seus discípulos a permanecerem fiéis à verdade bíblica. Na sua última oração, pediu ao Pai que os santificasse na Sua palavra, que é a verdade. Mostrou, claramente, a perenidade das Sagradas Escrituras, quando declarou: «O céu e a terra passarão, mas as Minhas palavras não hão-de passar» (S. Mateus 24:35).

Para o povo de Deus a Bíblia foi sempre um guia e uma fonte de inspiração. Quanto mais nos aproximamos da Vinda do Senhor, tanto mais nos importa apegarmo-nos, firmemente, aos ensinamentos da Palavra Inspirada. «As instruções dadas na Sagrada Escritura não permitem nenhum entendimento com o mal. O Filho do homem prometeu atrair todos os homens para Si. Não veio para embalar o mundo no seu sono, mas para indicar o caminho estreito, que todos devem seguir para alcançar, afinal, os portais da cidade de Deus. Os Seus filhos precisam de seguir por onde Ele abriu o caminho. Seja qual fôr o sacrifício do

bem-estar ou condescendência egoísta, seja qual for o custo do trabalho ou sofrimento, precisam manter constante batalha contra o eu.» (*Actos dos Apóstolos*, pág. 565).

A Bíblia satisfaz, plenamente, quem deseja conhecer o caminho da salvação. Ensina a verdade sobre as relações do homem com Deus e foi escrita para nosso encorajamento e para a nossa felicidade. Serve-nos de placa de sinalização indicando-nos o objectivo supremo do plano da salvação: a vida eterna numa terra restaurada.

«Os Mandamentos de Deus e a Fé de Jesus»

A obediência à Lei divina e a perseverança na fé de Jesus caracterizam o povo de Deus dos últimos dias. O nosso grau de fidelidade à vontade do Senhor indica a qualidade do nosso amor para com Ele e para com o próximo. Esta obediência é o sinal distintivo da verdadeira Igreja.

«É o alto grau de moralidade dos Adventistas que nos impressiona tão favoravelmente, — dizia-me, recentemente, um professor de Psicologia de Varsóvia. O nosso mundo moderno tem necessidades de pessoas assim». A fidelidade aos Mandamentos divinos será a fonte de grandes bênçãos, não só para o observador da Lei, mas também para aqueles que o cercam, os quais graças ao testemunho dele serão assim iluminados acabando por colocarem em Deus a sua confiança.

O nosso mundo moderno parece que está moralmente atolado num pântano. A segunda Epístola de S. Paulo a Timóteo contém uma descrição profética da dramática condição da humanidade, no fim dos tempos. (II Timóteo 3:1-5,13). A actualidade destas palavras é impressionante! Por isso é que os Adventistas se devem tornar numa força moral — uma coluna vertebral — de uma sociedade que desliza para a decadência. A fidelidade à Lei de Deus deve ser o objectivo constante de todo o adventista. Por ocasião desta Semana de Oração, que cada um de nós se examine a si mesmo e assegure-se de que a sua fidelidade aos preceitos divinos está assente num profundo amor a Deus e ao próximo.

«Um professor assinala em termos judiciosos os perigos que a religião corre actualmente: Uma das causas da nossa fraqueza — diz ele — é que do alto da tribuna, não se põem, bastante em evidência, os

direitos da lei divina. Outrora, as nossas tribunas eram o eco da voz da consciência... Os nossos mais eminentes pregadores, seguindo o exemplo do Mestre, davam aos seus discursos uma deslumbrante majestade pondo em relevo a Lei, os seus preceitos, as suas ameaças. As suas duas grandes máximas eram que a Lei é uma manifestação das perfeições divinas, e que todo aquele que não ama a Lei, também não ama o Evangelho; porque a Lei, tal como o Evangelho, é um espelho que reflete o verdadeiro carácter de Deus. O perigo em que nos encontramos gera outro: o de não vermos a natureza odiosa do pecado, a sua extensão, a sua culpabilidade. Ora, a enormidade da desobediência é proporcional à excelência do mandamento».

Uma obra de restauração

Uma obra considerável foi confiada ao Movimento Adventista: a de tornar a dar à Lei divina o lugar que lhe pertence no ensino e na vida da Igreja. No coração do Decálogo encontra-se um Mandamento: «Lembra-te do dia do Sábado para o santificar». O repouso do Sétimo Dia instituído pelo próprio Senhor, é, por um lado, a expressão da nossa obediência a Deus e, por outro lado, a fonte de numerosas bênçãos.

Desde o Éden, que o Sábado foi destinado a recordar ao homem que é uma criatura de Deus e que dele depende para o seu bem-estar. «Se o Sábado tivesse sido universalmente observado, os pensamentos e as afeições dos homens ter-se-iam dirigido para o Criador, como objecto da sua adoração e do seu culto, e nunca se teria ouvido falar de um idólatra, de um incrédulo ou de um ateu. A observância do repouso do Eterno é um sinal de fidelidade para com o verdadeiro Deus que «fez os céus, a terra e o mar e tudo o que neles há». (*Conflito dos Séculos*, pág. 473). «Por isso a mensagem que ordena aos homens que adorem a Deus e guardem os Seus Mandamentos, também os exorta, muito especialmente, a observar o Quarto Mandamento». (*Conflito dos Séculos*, pág. 474).

Qual é a nossa atitude a respeito dos Mandamentos divinos? Seguimos nós, fielmente, estes marcos que nos levam a adorar a Deus e a viver de harmonia com a sua vontade?

O povo de Deus dos últimos dias distingue-se, ainda, por uma séria preparação para a Volta de Jesus. Devíamos considerar esta preparação como uma das principais balizas que indicam a sua direcção e o seu significado à vida cristã.

Eis os termos com que John Konar, professor de teologia, comenta o versículo onze do capítulo primeiro dos Actos, na sua obra intitulada «A essência do Cristianismo»: «Também nos devemos lembrar que Nosso Senhor voltará da mesma maneira que subiu ao céu. Esqueçemo-nos, facilmente, disto. Os Adventistas é que nos têm recordado isto... Recordam-nos eles que a Igreja que deixa de esperar a Volta do Senhor, não é Igreja... Temos de reconhecer que há muitos cegos peregrinos parados ao longo do caminho e inválidos na Igreja Moderna, o que constitui para ela um perigo sério. Hoje, a ameaça mais grave que pesa sobre nós, provém do interior e não do exterior da Igreja.»

Uma grande verdade esquecida

A condição actual da cristandade é uma causa de tristeza e de vergonha. Pouco se fala da Volta de Jesus. A maior parte dos cristãos não se preocupam em se preparar para o maior acontecimento de todos os tempos. O II Concílio do Vaticano encerrou-se, em Roma, em 1965. Em 1968, o Conselho Mundial das Igrejas teve a sua quarta sessão em Upsala, na Suécia. Em 1970, teve lugar em Tóquio, o Congresso Mundial da Igreja Baptista, e a Assembleia da Federação Mundial da Igreja Luterana teve lugar em Evian. Quando se examinam os principais assuntos apresentados nestes diversos Congressos, nota-se que nunca se tratou da Volta de Cristo. Os teólogos e os chefes da Igreja têm tendências para guardar silêncio sobre esta doutrina fundamental. Quando se menciona a Segunda Vinda de Jesus é a título meramente excepcional.

O mundo moderno, incluindo as diferentes igrejas cristãs, tem numerosas preocupações, mas não pensa, de modo algum, em se preparar para a Volta de Jesus. Perante uma tal situação, devíamos perguntar a nós mesmos, se o nosso comportamento revela a nossa fé na proximidade deste regresso.

O facto da doutrina adventista ser essencialmente cristocêntrica e escatológica não

é por acaso. A Volta de Jesus é a razão de ser da nossa fé, é o segredo do poder da Igreja Remanescente. Quanto mais nos aproximamos do cumprimento desta promessa «Eu voltarei», tanto mais se deve amplificar a nossa acção evangélica, seja qual fôr o nosso trabalho. Temos de trabalhar com um ardor e um poder aumentados, para acabar a tarefa que Deus confiou ao nosso Movimento.

A sessão da Conferência Geral de 1970 tinha como lema: «Para que o mundo saiba». As decisões que ali foram tomadas para desenvolver a nossa obra de evangelização devem suscitar em nós um novo zelo para o serviço de Deus. Cada lar adventista, cada programa de pregação devia inspirar-se neste espírito missionário. O Irmão R. Pierson aludiu a isso, quando declarou: «Irmãos e Irmãs, vós sois homens e mulheres de Deus! É tempo de nos levantarmos e agir. Tendes a Mensagem do Senhor e a promessa de receber o poder. Todo o céu se lança ao trabalho e vai à nossa frente quando nos dirigimos para a vitória final. Com a ajuda de Deus, dirigimo-nos para o reino dos céus, durante esta semana, em que temos de tomar decisões.»

«O nosso General, que nunca erra, diz-nos ainda: 'Avançai, entrai em novo território; icai o estandarte em todas as terras.' Levanta-te, resplandece, porque já vem a tua luz, e a glória do Senhor vai nascendo sobre ti».

«É chegado o tempo em que, por intermédio dos mensageiros de Deus, o rolo do livro se abrirá ao mundo. A verdade contida na primeira, segunda e terceira mensagens angélicas, tem de ir a toda a nação, tribo, língua e povo; deve iluminar as trevas de todo o continente, e estender-se às ilhas do mar. Não deve haver dilacção nessa obra.

A nossa divisa deve ser: Para a frente, sempre para a frente! Anjos do Céu irão adiante de nós, a preparar-nos o caminho. O nosso cuidado pelas regiões distantes nunca poderá ser deposto, enquanto a Terra inteira não fôr iluminada, com a glória do Senhor». — (*Evangelismo*, pág. 707).

A fidelidade à Palavra de Deus, aos seus Mandamentos e à fé de Jesus, a preparação para o encontro com o Nosso Senhor e Salvador — tais são os fundamentos da fé, os marcos indicadores, ao longo do caminho que conduz à vitória final e à vida eterna.

TERÇA-FEIRA

Marcos do Ministério de Jesus

DON F. NEUFELD

Redactor-adjunto da «Review and Herald»

A purificação do Santuário é uma das verdades mais importantes ensinadas pela Igreja Adventista, e só por ela. Foi esta a primeira doutrina particular da nossa Igreja, elaborada depois da grande decepção de 1844. A Irmã Ellen White fala dela nestes termos: «Grandes acontecimentos assinalaram o ano de 1844. Permitiram-nos descobrir que o santuário celeste ia ser purificado e que essa obra tinha uma impor-

tância incontestável para o povo de Deus.» (*Counsels to writers and Editors*, pág. 30).

A doutrina do Sábado, contrariamente à do Santuário, não nos pertence, exclusivamente, porque outros crentes já observavam o Sétimo-Dia, quando um grupo de mileristas começou a descansar no Sábado. Certos cristãos partilham, também, o nosso ponto de vista sobre a mortalidade da alma e a aniquilação dos maus. Mas só os

Adventistas do Sétimo-Dia é que acreditam na expiação final, nos últimos tempos.

Foi o descobrimento da doutrina da purificação do Santuário que reanimou as esperanças de um grupo de crentes desapontados, depois do 22 de Outubro de 1844. Aí encontraram não só a explicação da sua decepção, mas também uma revelação surpreendente dos acontecimentos de importância capital que se desenrolavam nos céus, acontecimentos estes acerca dos quais os habitantes da terra deviam ser informados.

Os que aceitaram a doutrina do Santuário, tal como foi exposta depois do desapontamento de 1844, reuniram-se e constituíram uma comunidade, com uma organização a princípio rudimentar que, em 1860, tomou o nome de Igreja Adventista do Sétimo Dia. Foi em volta da doutrina da purificação do Santuário celeste que se reagruparam os membros do movimento nascente. A história do início da nossa Denominação permite afirmar que, sem a descoberta desta doutrina, a Igreja Adventista do Sétimo Dia não existiria hoje. Os Adventistas mileritas que não aceitaram a doutrina do Santuário voltaram para as comunidades, que tinham deixado, ou formaram pequenos grupos.

O Sábado e o Santuário

Quando os Adventistas enganados na sua expectativa sobre a Volta de Jesus, descobriram a razão do seu desapontamento, o Sábado também contribuiu para os unir uns aos outros. Foi ao verificar o lugar do Decálogo na doutrina do Santuário que eles compreenderam, verdadeiramente, a importância e o significado do Sábado. Antes disso, apenas alguns Adventistas mileritas de Washington, New Hampshire, já observavam o Sábado, mas apoiando-se, unicamente, em argumentos apresentados pelos baptistas do Sétimo-Dia. Quando o estreito laço entre o Quarto Mandamento e a doutrina do Santuário se tornou claro, o regresso à observância do verdadeiro dia de repouso tornou-se mais importante e mais imperioso.

Eis como se estabelece o laço entre as duas doutrinas fundamentais: Estudando as Sagradas Escrituras, alguns Adventistas descobriram este versículo do Apocalipse:

«E abriu-se no céu o templo de Deus, e a arca do seu concerto foi vista no seu templo» (Apocalipse 11:19). O apóstolo João descrevia certamente uma visão do Santuário celeste, o santuário da Nova Dispensação, onde Jesus devia começar, e em 1844, a última fase do seu ministério a favor da humanidade. Neste tempo encontrava-se a arca da aliança, onde tinha sido depositada, como um tesouro, a Lei santa, e, no coração desta Lei, o Sábado, profanado pela maior parte dos Cristãos.

Foi em 1847 que a relação entre o Sábado e o Santuário foi confirmada por uma visão da Irmã Ellen White. Guardava ela o Sábado, desde alguns tempos atrás. Eis como ela descreve o que viu na segunda parte do Santuário celeste: «No lugar santíssimo, vi uma arca... Na arca estavam as tábuas de pedra, que pareciam um livro. Jesus separou-as, e vi os dez mandamentos escritos pelo dedo do mesmo Deus. Havia quatro mandamentos numa tábua e seis na outra. Os da primeira tábua eram mais luminosos do que os outros seis. Mas o quarto, o do Sábado, brilhava ainda mais do que todos os outros; porque o Sábado foi posto à parte para ser guardado em honra do nome de Deus santo». (*Primeiros Escritos*, págs. 32, 33).

Que é, então, exactamente, esta nova luz sobre o Santuário que resplandeceu sobre os Adventistas, depois do dia 22 de Outubro de 1844? O Santuário mencionado por Daniel, no capítulo oito do seu livro, é o Santuário celeste, modelo do tabernáculo israelita. Jesus é o Sumo Pontífice desse Santuário. No dia 22 de Outubro de 1844 que marca o fim dos 2300 dias proféticos, Jesus começou uma nova fase do Seu ministério sacerdotal, prefigurado pelos serviços do dia anual da Expição no antigo ritual hebraico. Naquele dia, o tabernáculo do deserto era purificado de todos os pecados que os filhos de Israel ali tinham ido confessar.

«Assim como no culto mosaico, o ano terminava com um acto de propiciação, assim também o ministério do Salvador pela redenção dos homens, é completado por uma obra de expiação tendo como finalidade eliminar os pecados do Santuário celeste. Esta obra começa no fim dos dois mil e trezentos dias. Nesse momento, segundo a profecia de Daniel, o nosso Sumo Sacerdote entrou no lugar santíssimo,

onde vai desempenhar a última parte da Sua sagrada missão: a purificação do Santuário... E assim como o santuário terrestre devia ser simbolicamente purificado pela lavagem dos pecados que o tinham manchado, assim também era necessário que o Santuário celeste recebesse uma purificação real pela eliminação, pelo apagamento dos pecados que nele estão inscritos». (*O Conflito dos Séculos*, pág. 456).

Que Jesus é o Sumo Sacerdote da Dispensação Cristã, não é uma ideia nova, tal como não é a do Seu ministério celeste a favor do homem. Estas verdades são explicitamente ensinadas na Epístola aos Hebreus e encontram-se no Credo da cristandade. O novo aspecto desta verdade introduzido pela Igreja Adventista foi a ligação entre a Epístola aos Hebreus, Daniel 8:14 e Levítico 16 que deu a esta doutrina a sua importância e a sua actualidade.

A expiação na cruz do Calvário

A pregação desta nova doutrina encontrou muita oposição. Ainda hoje acontece o mesmo. Os cristãos evangélicos sustentam que a expiação fica completada na cruz. Pensam que falando de expiação «final» os Adventistas do Sétimo Dia negam a eficácia do sacrifício expiatório realizado por Jesus no Calvário. Isto é equivocar-se com os ensinamentos da nossa Igreja. Antes de mais, há que definir, com precisão, os termos que se empregam. Para a maior parte dos Cristãos, a palavra expiação tem um sentido teológico preciso. Descreve a obra realizada por Jesus na cruz do Calvário. Os Adventistas utilizam a palavra expiação no sentido bíblico do termo, tirado da antiga lei levítica, onde se descrevem os serviços da festa anual chamada da expiação. Por extensão, aplicam este termo à obra realizada pelo nosso Sumo Sacerdote, por ocasião da verdadeira festa da Expiação que começou no dia 22 de Outubro de 1844. Sobre este fundamento bíblico, a sua aplicação da palavra expiação a outros actos diferentes do sacrifício da cruz, está plenamente justificada. De harmonia com o uso teológico habitual, empregam, também, a palavra expiação para definir a obra de Jesus Cristo na cruz, sabendo eles, perfeitamente, que o verbo grego que significa expiar aparece uma única vez no Novo Testamento (Hebreus 2:17).

Os Adventistas do Sétimo Dia acreditam que a expiação realizada na cruz é plenamente eficaz; que o sacrifício de Jesus, efectuado uma vez para sempre, foi aceito pelo Pai; que por este sacrifício, a condenação que resulta da transgressão da Lei foi anulada e que se abriu o caminho da salvação à humanidade. No ensino bíblico sobre a expiação final, não há nada que negue ou minimize a obra realizada na cruz.

Aplicação prática da doutrina do santuário

Sem falar no papel providencial que a doutrina do Santuário desempenhou na fundação do Movimento Adventista, graças à intervenção divina — pergunta-se se esta mesma doutrina nos trouxe qualquer outra coisa no plano prático? O facto de sabermos que Jesus está oficiando, agora, no segundo compartimento do Santuário celeste, terá alguma influência na nossa vida? De que maneira este ministério é «de uma importância incontestável para o povo de Deus?»

Quando os nossos pioneiros estudaram o significado do ministério de Jesus no lugar santíssimo, notaram que o apagamento dos pecados implicava uma obra de julgamento, que eles chamaram «a instrução do processo» (literalmente: «juízo investigativo»). Antes de os pecados do crente serem apagados, por ocasião do grande «dia da expiação», o seu caso deve ser examinado nos livros celestes para se determinar se pode ou não beneficiar da expiação. Foi assim que se estabeleceu a doutrina da instrução do juízo, ou juízo investigativo.

Por ocasião do julgamento que precede a Volta de Jesus, o caso de todos aqueles que fizeram profissão de fé de acreditar no nome de Jesus, é solenemente examinado. São aceitos no reino dos céus os crentes que dele foram julgados dignos — todos os seus pecados foram então apagados; os que são indignos são rejeitados e os seus pecados subsistem nos livros para justificação do seu futuro castigo. «Solenes são as cenas que marcam o acabamento da expiação. Esta obra comporta interesses de um valor infinito. O tribunal supremo está funcionando de há vários anos a esta parte. Bem depressa — ninguém sabe quando — serão examinados os casos dos vivos». (*O Conflito dos Séculos*, pág. 533).

Depois da instrução do julgamento, o

destino de todos os homens será definitivamente fixado. O tempo da graça acaba, quando o anjo pronunciar a irrevogável sentença: «Quem é injusto, faça injustiça ainda, e quem está sujo, suje-se ainda; e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo, seja santificado ainda» (Apocalipse 22:11).

Nenhum acontecimento terrestre dará o sinal da proclamação deste decreto. «Justos e maus continuarão, ainda, na terra, no seu estado mortal. Na ignorância das decisões finais e irrevogáveis que forem tomadas no Santuário celeste, os homens continuarão a plantar árvores, a construir casas, a comer e a beber». (O *Conflito dos Séculos*, pág. 530).

Desde o começo da sua história, os homens encontraram-se perante a eventualidade de uma morte súbita ou duma incapacidade mental de aceitar o Salvador. Desde 1844, uma terceira possibilidade veio agravar as duas precedentes: a terminação súbita da obra mediadora de Jesus. Portanto, a época actual difere das idades passadas. Assim como para o antigo Israel o décimo dia do sétimo mês era um dia de humilhação, assim também, hoje, o antítipo deste décimo dia é um dia de reflexão profunda e solene pela qual devemos adquirir a certeza que vamos adquirir a certeza que vamos beneficiar da expiação realizada por Jesus.

Os que ainda viverem quando fôr proclamado o decreto que põe fim ao tempo da graça, deverão passar por uma tal provação, como o povo de Deus jamais conheceu. «Naquele tempo se levantará Miguel, o grande príncipe que se levanta pelos filhos do teu povo, e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação, até àquele tempo» (Daniel 12:1).

«Mas o povo de Deus ainda não estava preparado para ir ao encontro do Senhor, declara a Irmã White, falando dos Adventistas de 1844. Havia, ainda, a fazer uma obra preparatória... Os que viverem na terra, quando terminar no Santuário celeste a intercessão do Senhor, deverão subsistir sem Mediador, na presença de Deus. As suas vestes devem estar imaculadas, e o seu carácter purificado de toda a mancha, pelo sangue da aspersão. Pela graça de Deus e pelos esforços perseverantes, deverão sair vencedores na sua guerra contra a mal. Enquanto se processa no céu o juízo investigativo e as faltas dos crentes arremendi-

dos se apagam nos registos celestes, também deve haver, na terra, entre o povo de Deus uma obra especial de purificação, de renúncia ao pecado.» (O *Conflito dos Séculos*, pág. 461).

Esta obra especial de purificação, esta renúncia definitiva ao pecado, devia prender toda a nossa atenção. Só os que se aplicam, realmente, a isso, é que receberão uma medida suplementar de graça, a chuva serôdia. «Nenhum de nós receberá o selo de Deus enquanto o seu carácter tiver uma mancha ou qualquer sujidade. É a nós que nos incumbe o dever de nos corrigirmos dos nossos defeitos de carácter e de limpar de toda a sujidade o templo da nossa alma. Então cairá sobre nós a chuva serôdia, tal como a chuva temporã caiu sobre os discípulos no dia de Pentecostes.» (*Testemunhos Selectos*, vol. 2, pág. 77).

Cs que receberem esta efusão especial do Espírito Santo não terão que temer o tempo da angústia, porque «a chuva temporã», o «tempo do refrigério» virá da parte do Senhor, para dar poder à grande voz» do terceiro anjo e preparar os santos para se manterem firmes quando forem derramadas as sete pragas. (*Primeiros Escritos*, pág. 86).

Os assaltos do adversário

Uma doutrina tão fundamental como a do Santuário devia ser, inevitavelmente, objecto dos ataques do adversário. De resto, tais ataques já haviam sido preditos: «No futuro, surgirão seduções de toda a espécie, e por isso, temos de nos manter vigilantes para não nos deixarmos abalar. Precisamos de sólidos pilares para sustentarem o edifício. Nada deve ser tirado àquilo que o Senhor estabeleceu. O inimigo apresentar-nos-á falsas teorias, como a que nega a existência do Santuário». (*Counsels to Writers and Editors*, pág. 53).

«Sei, diz ainda a Serva do Senhor, que o ensino que temos explanado, já de há muito tempo, a respeito do Santuário, é exacto. É o inimigo que procura desviar-nos desta verdade. Gosta ele de ver os que a conhecem rebuscarem citações para fantasiarem teorias erróneas, que não têm nenhum fundamento bíblico» (O *Ministério Evangélico*, pág. 296).

Eis o que escreveu a Irmã White, em 1904: «Durante estes últimos cinquenta anos,

todas as formas de heresia têm tentado obscurecer os nossos espíritos no que diz respeito ao ensino da Palavra de Deus, e particularmente a respeito do ministério de Jesus no Santuário celeste... Todas as espécies de doutrinas têm sido apresentadas aos Adventistas, tentando substituir a verdade que, passo, a passo, tem sido estudada com oração e confirmada pelas intervenções milagrosas do Senhor». (*Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pág. 208).

Fara fazer frente aos erros e seduções de Satanás, somos aconselhados a «mantermo-nos firmes na plataforma da verdade eterna que superou todas as provas. Temos de manter os sólidos pilares da nossa fé.» (*Idem*, vol. 2, pág. 201).

«Nenhuma parcela da verdade que fez dos Adventistas do Sétimo Dia o que eles são, pode perder a sua força. Temos os velhos postes sinalizadores da verdade, da experiência e do dever, pelo que temos de nos manter firmes para a defesa dos nossos princípios, à vista do mundo». (*Testemunhos Selectos*, vol. II, pág. 372).

A doutrina do Santuário que Deus deu ao Seu povo no período que se seguiu à decepção de 1844 e que selou com o Seu Espírito Santo, é hoje uma verdade tão essencial à nossa Igreja, como quando nos foi dada, pela vez primeira. Afastarmo-nos des-

ta doutrina, negá-la, modificá-la ou relegá-la para segundo plano, é o mesmo que nos desprendermos das nossas amarras. É em virtude da obra realizada, hoje, no Santuário celeste, que a nossa Denominação existe. Recebemos a revelação disso com a missão urgente de a espalhar por todo o mundo.

Durante esta semana de oração, reafirmemos a nossa fé nesta doutrina fundamental. Mais ainda, temos de nos convencer de que necessitamos de a ter na devida conta, durante toda a nossa vida. Todos temos de comparecer perante o tribunal de Deus. O nosso destino pessoal vai ser, dentro em breve, fixado para a eternidade. Aproxima-se o tempo de angústia anunciado pela profecia. Não lhe podemos escapar, salvo se a morte nos surpreender, antes que tal tempo apareça. Quando chegar esta grande tribulação, o caso de cada um de nós será decidido e o selo de Deus posto nos Seus filhos.

É-nos concedida a graça divina para que todos possamos alcançar a vitória, por ocasião daquela terrível crise final. O céu está pronto a ajudar-nos. O Sumo Sacerdote ainda está oficiando no Santuário celeste a favor dos pecadores. «Se ouvirdes, hoje, a sua voz, não endureçais os vossos corações». (Hebreus, 3:7, 8).

QUARTA-FEIRA

Marcos que Indicam Autoridade Real

GEORGE E. KNOWLES

Responsável pela evangelização no Canadá

Mediante um decreto real, Jesus estabeleceu um dia à parte para nosso repouso, nossa alegria e nossa adoração. O Rei do Universo prometeu grandes recompensas àqueles que «fizerem do Sábado as suas delícias».

Um pequeno de cinco anos acompanha-

va, certa vez, o pai, que era pregador, indo de viagem. «Que dia é hoje?» — perguntou o pequeno.

— «Hoje, é sexta-feira» — respondeu o pai.

— Que bom — disse o pequeno — então

amanhã é Sábado e para mim o Sábado é o dia mais belo da semana!

Os pais desta criança tinham conseguido fazer do Sábado um dia de delícias, um dia feliz para cada membro da família. É assim, também, no vosso lar?

Toda a verdade bíblica é a expressão do amor de Deus pela humanidade. O nosso amor pelo Senhor é uma resposta àquilo que Ele nos testemunhou.

«Nós O amamos a Ele, porque Ele nos amou primeiro», — diz o apóstolo João.

Uma justa compreensão do ensino da Sagrada Escritura aumentará o nosso conhecimento do Seu amor. Quanto mais conhecermos a Sua vontade e distinguirmos os Seus caminhos, mais nós O amaremos. A observância do Sábado não é um sinal de legalismo, mas a expressão do nosso amor para com Deus e da nossa fidelidade. É o sinal de nós pertencermos ao verdadeiro Deus.

O próprio Jesus é que é o Autor do Sábado; instituiu-o para a nossa felicidade. Aquele que nos criou conhecia a nossa necessidade de um repouso semanal; mas a observância do Sábado não se limita a um simples repouso físico. Uma simples interrupção do nosso trabalho no Sétimo Dia de cada semana não constituirá uma obediência ao Quarto Mandamento.

O Sábado é também um dia de regifério espiritual e de comunhão com Deus. Podem os homens trabalhar, conjuntamente, durante a semana, sem que isso seja uma prova de fraternidade. Mas, quando resolvem passar o seu dia de repouso, em conjunto, isso mostra que existe um laço fraternal entre eles. O Sábado é o repouso que Deus partilha conosco. Que honra para nós que o Rei do Universo tenha escolhido passar um dia, por semana, em comunhão particular com o Seu povo! É da Sua parte um sinal de amor que nos incitará a responder ao Seu convite de nos lembrarmos do dia de repouso.

Só um povo santo é que pode observar um santo dia

Só um povo santo é que pode observar um santo dia. Só o poder purificador do Salvador e a efusão do Seu Espírito é que nos podem santificar. Existe uma comunhão íntima entre Jesus e o verdadeiro observador do Sábado. Um fiel observador deste

santo dia significa que acreditamos na narrativa de Génesis acerca da criação, sendo uma prova da nossa fé no seu Autor. Memorial desta criação, o Sábado também é um sinal de santificação. Um membro de Igreja não pode, verdadeiramente, santificar o Sábado, se conservar no seu coração qualquer animosidade contra o seu próximo, se fôr desonesto nos seus negócios. Quem transgredir qualquer dos dez Mandamentos não pode estar animado do verdadeiro espírito do Sábado. Só conseguirá isto, aquele ou aquela em quem Jesus se encontra.

A observância do Sábado torna as nossas relações com o Senhor mais reais e mais estreitas. Ajuda-nos a adquirir uma confiança ilimitada em Deus e na sua Palavra. Só um profundo respeito pela autoridade das Sagradas Escrituras é que pode impelir um homem a guardar o Sétimo Dia da semana, o Sábado. São numerosas as pessoas que não acreditam em Deus, mas que não obstante isso, não roubam, nem matam. Também há não-crentes que nem desonram os seus pais nem cometem adultério. A conformidade com certos mandamentos é, muitas vezes, motivada pelo temor de uma sanção humana. Outros indivíduos têm medo de perder a reputação ou a estima dos conhecidos e vizinhos. Mas, o único motivo que nos pode levar a observar o repouso do Sétimo Dia, é o amor a Deus e o respeito pela sua santa Palavra.

Pretender acreditar em Deus e na Sua Palavra não custa nenhum esforço; mas aquela pessoa que toma a resolução de respeitar o Sábado, corre o risco de perder o emprego, sobretudo quando tem uma família a seu cargo, mostrando, assim, a autenticidade da sua fé. Efectivamente, trata-se, então, de demonstrar a sua confiança no Senhor que prometeu cuidar dos Seus filhos. Um tal exercício de fé é salutar. Necessita de uma comunhão mais íntima com Deus e aumenta a nossa confiança n'Ele. Quando nos encontramos em circunstâncias difíceis, perante os nossos problemas, aparentemente insolúveis, lembrem-nos desta maravilhosa promessa: «O nosso Pai celestial tem mil maneiras de vir em nosso auxílio, maneiras estas que desconhecemos. Os que O quiserem servir, verão, antes de mais, desvanecerem-se as suas dificuldades». Não há nenhuma dificuldade causada pela observância do Sábado, à qual o

Senhor não tenha já providenciado. A vitória neste domínio foi conseguida no Calvário.

A experiência confirma a fé

Deus torna-se uma realidade para nós, quando n'Ele depositamos toda a nossa confiança para caminharmos pela fé e observarmos o quarto mandamento, mesmo quando tal observância parece trazer-nos dificuldades intransponíveis. Quando altas montanhas são derrubadas, com resposta às nossas fervorosas orações, adquirimos, então, a certeza de que Deus vive e que nos ama. É o que o Senhor declarou na sua Palavra: «Os que santificarem o Sábado saberão que o Eterno é o seu Deus» (Ezequiel 20:20).

A observância do Sábado mantém-nos, sempre presente, o conhecimento do verdadeiro Deus. Todas as semanas, surge o Sábado a recordar-nos que Deus criou o mundo em seis dias e que repousou, no sétimo. Não é por acaso que não se encontram, entre os que guardam o Sábado, nem evolucionistas, nem modernistas, nem partidários da doutrina de «Deus morreu», nem simpatizantes com a «nova moralidade»! A observância do Sábado afasta do erro o povo de Deus.

Deus instituiu o Sábado, antes do aparecimento do pecado na terra. Descansou no Sétimo Dia, abençoou-o e santificou-o. Santificar significa «pôr de lado para um uso sagrado». O Sábado recorda-nos, ao mesmo tempo, a criação e a Pessoa divina, cujo Autor é.

Uma fortaleza contra o erro

O aceitar, como fundamentos da nossa fé, as verdades claramente ensinadas na Palavra de Deus, implica estarmos defendidos contra o erro. Se queremos ter a certeza de sermos dirigidos pelo Senhor, devemos confiar na sua Palavra e não na nossa própria inteligência.

É indispensável ficarmos sólidamente ancorados nos alicerces da verdade, como o mostra a seguinte experiência: O pastor de uma importante comunidade de observadores do domingo, no nordeste dos Estados Unidos, adquiriu, mediante o estudo da Bíblia, a certeza de que não era o primeiro dia da semana, que havia sido santi-

ficado pelo Senhor, mas sim o Sétimo. Durante um serviço religioso, o referido pastor transmitiu à sua congregação as suas convicções relativas à santidade do Sábado e declarou que ia renunciar às funções pastorais. Os membros da sua comunidade responderam-lhe, simplesmente: «Se isso é verdade, então nós também aceitaremos o Sábado».

Depois de um certo tempo de estudo, o grupo aprovou o voto de transferirem os serviços religiosos do domingo para o Sábado. Mas esta mudança do dia do culto, implicou uma outra. Os serviços do domingo tinham sido caracterizados por certas manifestações consideradas como uma prova da presença do Espírito Santo. Desde que os serviços religiosos foram transferidos para o Sábado, tais manifestações cessaram e tornaram-se calmos e ordenados. A congregação resolveu, então, regressar à observância do domingo. Imediatamente, a congregação se encontrou sob o controle de uma estranha influência emocional, tomando isso como um sinal do Senhor indicando que Ele considerava o domingo o Seu santo dia e não o Sábado. Estes cristãos estavam convencidos de que o espírito que se manifestava entre eles era de origem divina, pelo que permitiram que tal convicção suplantasse o testemunho da Palavra de Deus.

Não é, portanto, importante «provar os espíritos, para saber se eles são de Deus»? «À Lei e ao testemunho! Se eles não falarem assim, não verão a alva». Se respeitarmos o quarto mandamento, este sinal de pertencermos a Deus defender-nos-á de todas as seduções e subtilezas do maligno.

Honramos a Jesus, guardando o Seu santo Dia

Não podemos honrar a Jesus se transgredirmos qualquer dos seus Mandamentos. Quando os discípulos ungiram o corpo de Jesus, para ser sepultado, prestaram-lhe essa derradeira homenagem, sem transgredir o preceito do Sábado, que ia começar. Quer isto dizer que os discípulos ligavam mais importância à guarda do Sábado do que à pessoa do Mestre? De nenhum modo. Mas compreenderam que não podiam honrar o seu Mestre, se transgredissem um dos Seus preceitos, tal como Ele havia declarado: «Vós sereis Meus amigos, se cumprirdes os meus mandamentos».

Tal como as pessoas que nos cercam,

também os anjos do céu observam a maneira como nós santificamos o dia de repouso. Que é que eles vêem na nossa vida, no nosso lar? Prestamos atenção ao começo e ao fim do Sábado, lembrando-nos que os primeiros instantes deste santo Dia ou os seus últimos momentos são tão sagrados como as horas que passamos nos serviços religiosos? Quando o Sábado começa, lembramo-nos de exprimir a nossa gratidão a Deus, pelo regresso deste abençoado dia? Ao pôr do sol, no Sábado à tarde, temos o cuidado de reunir a nossa família para agradecermos todos juntos ao Senhor as bênçãos que nos concedeu, durante o Seu santo Dia? É, porventura, o nosso comportamento, no Sábado, um testemunho da nossa fidelidade para com a Palavra de Deus? Se amarmos o Senhor, guardaremos, escrupulosamente, o Seu santo Dia.

Que é que vêem as sentinelas celestes quando olham para a maneira como nós guardamos o Sábado? Podem, então, os anjos trazer-nos da parte do Senhor, a luz, a saúde e a força, ou vêem-se obrigados a afastarem-se de nós?

Certezas

Num mundo que se debate com problemas consideráveis, talvez o Sábado se apresente para certas pessoas, como uma solução contestável e de pouco valor. Contudo, os problemas do mundo moderno são a consequência do desprezo de Deus e da Sua Palavra. A solução reside no regresso a um modo de vida que se harmonize com a santa Lei de Deus. Isto não é possível senão para aquelas pessoas que se entregarem, inteiramente, a Jesus. O Sábado é um sinal de Deus, como muito bem salienta a versão Moffat do conhecido passo de Ezequiel 20:20: «Dar-lhes-ei os Meus Sábados para marcar um laço entre Mim e eles, para lhes ensinar que Sou Eu o Eterno, que os ponho à parte». «O Sábado é um colchete de ouro que liga Deus e o seu povo». (*Testemunhos Selectos*, vol. 3, pag. 18).

O Sétimo Dia não foi reservado, apenas, para os Judeus ou para os Adventistas. É o Sábado do Senhor, o dia em que Deus concede a graça de se associar com o Seu povo, de um modo especial. Quando Deus escolheu Israelp para Seu povo e este aceitou o Eterno, como seu Deus, o Sábado do Senhor tornou-se o Sábado de Israel. O mes-

mo acontece, hoje. Os que desejam fazer parte do povo de Deus, participam das bênçãos ligadas a este santo Dia.

O Sábado faz parte da mensagem de Elias que deve ser pregada a todo o mundo, nestes últimos tempos. Convida todos os homens a regressar ao ensino da Bíblia e a prepararem-se para a Segunda Vinda de Jesus. Isaías fala de um movimento que levantará os antigos alicerces e que reparará as roturas e tornará o país habitável. Esta mensagem de restauração unirá as famílias. Temos podido verificar a realização desta maravilhosa predição, em numerosos lares.

Bênçãos que se multiplicam, partilhando-se

Como toda e qualquer outra bênção espiritual, a que está ligada à guarda do Sábado aumenta, quando é partilhada. Benditos sejam os lares adventistas que são um asilo para os solitários, no dia de Sábado! Benditos sejam os lares, cujas refeições, no dia de Sábado, seja qual for a simplicidade de tais refeições, são partilhadas com a visita ou com o estranho que tenha ido à igreja! Uma refeição frugal tomada numa atmosfera de quente amizade cristã, tem muito melhor sabor do que os pratos mais rebuscados, comidos na solidão. Não seria maravilhoso se todos os estranhos, solitários ou sequiosos da verdade, que frequentam as nossas igrejas, fossem recebidos nos lares dos nossos membros? Por que não havemos de tomar, desde já, este hábito?

Por ocasião da minha primeira visita a uma igreja adventista, deixei-a, formulando o voto de nunca lá voltar. Aquela gente e a sua maneira de proceder pareceram-se estranhas. Passadas, porém, algumas semanas, lá me aventurei, e voltei outra vez. Depois do culto, fui convidado para casa de uma família da igreja. Nunca mais esquecerei o calor daquele acolhimento! Estavam presentes outros jovens da minha idade. Durante a tarde, cantámos, ao piano, belos hinos. Confesso que nunca tivera, até então, vivido numa atmosfera tão simpática. Era o primeiro Sábado que eu passava numa família adventista. Os dias de Sábado são como ilhas paradisíacas situadas no oceano que separa o Éden dos céus. Partilhemos, mais generosamente, este antegozo

das alegrias futuras. Este primeiro Sábado, passado na confraternização de um verdadeiro lar cristão, encorajou-me a juntar-me à Igreja que guarda os Mandamentos de Deus. Quando o testemunho fraternal se junta à prêgação da verdade, ganham-se almas e conservam-se fiéis, na Igreja.

Estou reconhecidíssimo ao Senhor, por ter sido convidado, na minha juventude, a assistir a um culto numa igreja adventista e também por ter participado dos benefícios da comunhão fraterna dum lar cristão! Como eu agradeço também ao Senhor o ter-nos concedido o Sábado que é, ao mes-

mo tempo, um memorial da criação, um testemunho do Seu amor, um sinal de pertencermos a Deus e de santificação, um antegoço do Éden restaurado, uma fortaleza contra o erro e um dia de repouso físico e de adoração! Mas, infelizmente, há tanta gente que ainda o não conhece!

Não queremos nós unirmo-nos na determinação de convidar outras pessoas para partilharem as bênçãos do Sábado na nossa igreja e no nosso lar, para que também elas possam saber que «o Sábado é o mais belo dia da semana»?

QUINTA-FEIRA

Marcos que assinalam uma Missão Mundial

D. W. HUNTER

Secretário-Adjunto da Conferência Geral

Foi o dia mais triste de toda a história do Universo. Quando Jesus foi deposto no túmulo de José de Arimateia, todos os sonhos dos discípulos, as suas esperanças e os seus projectos também foram sepultados com Ele. O Cristo devia ser o libertador, devia estabelecer o Seu reino e dar-lhes a sua herança eterna. E, afinal, morrera! Tudo acabara!

Quando eles viram o sofrimento e a vergonha cair sobre o seu Mestre bem-amado, os anjos do céu sentiram uma indizível tristeza. Se tivessem podido agir, como queriam, tê-l'O-iam descido da cruz e levado para o céu. Estavam dolorosamente surpreendidos por verem Satanás servir-se do seu poder para tirar a vida ao Filho de Deus. Os habitantes dos outros mundos partilharam da aflicção dos anjos. Nenhum outro acontecimento da história tinha provocado tanta tristeza entre as inteligências celestes.

«E no fim do sábado, quando já despon-tava o primeiro dia da semana — lemos no

Evangelho de S. Mateus — Maria Madale-na e a outra Maria» dirigiram-se para o sepulcro de Jesus para O ungir com os perfumes que tinham preparado. «E eis que houvera um grande terramoto, porque um anjo do Senhor, descendo do céu, chegou, removendo a pedra, e sentou-se sobre ela. E o seu aspecto era como um relâmpago, e o seu vestido, branco como neve. E os guardas com medo dele, ficaram muito assombrados e como mortos. Mas o anjo respondendo disse às mulheres: Não tenhais medo, pois eu sei que buscais a Jesus, que foi crucificado. Ele não está aqui, porque já ressuscitou, como havia dito. Vinde, vê-de o lugar, onde o Senhor jazia. Ide, pois, imediatamente, e dizei aos Seus discípulos que já ressuscitou dos mortos. E eis que Ele vai adiante de vós para a Galileia; ali O vereis. Eis que eu vo-lo tenho dito. E, saindo elas pressurosamente do sepulcro, com temor e grande alegria, correram a anunciá-lo aos Seus discípulos.» (Mateus 28:1-8).

Os discípulos estavam, agora em alegria. Renasciam as suas esperanças, porque Jesus era vencedor da morte e da sepultura! Jesus ressuscitado era a prova de que todos os que crêem n'Ele, também reviverão. Tal é a boa nova da salvação para a humanidade inteira! Tal é o Evangelho!

Depois da Sua ressurreição, Jesus ainda ficou quarenta dias com os discípulos. Mas chegara o tempo, em que devia regressar para junto do Pai. Os discípulos nunca mais deviam associar a Sua lembrança à morte e ao túmulo: havia ressuscitado e estava glorificado aos olhos deles. «Jesus escolheu, para local da Sua ascensão, aquele que tantas vezes consagrara pela sua presença, enquanto habitava entre os homens... Chegando ao Monte das Oliveiras, Jesus vai abrindo caminho até o cume, à vizinhança de Betânia. Ali se detém e os discípulos reúnem-se-Lhe em torno. Raios de luz parecem irradiar-Lhe do semblante, enquanto os contempla amorosamente ... Com as mãos estendidas numa bênção e como uma firme promessa do Seu protector cuidado, ascende Jesus, lentamente, dentre eles, atraído para o céu por um poder mais forte que qualquer atracção terrestre. Ao subir, mais e mais, os assombrados discípulos, numa tensão visual, buscam um último vislumbre do seu Senhor subindo para o alto.» (*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 617).

E quando fixavam os olhos na nuvem de glória que O ocultava aos seus olhos, lembram-se da última ordem que o Senhor lhes deu: «Ide, ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a guardar todas as coisas que Eu vos tenho mandado; e eis que Eu estou convosco até à consumação dos séculos» (S. Mateus 28:19, 20).

Uma solene missão

Tal era o mandato deles. Tal é, também, o nosso. A ordem não se destinava apenas aos Onze. É a ordem de marcha de todo aquele que quer ser discípulo de Jesus Cristo. A pregação universal do Evangelho não está reservada aos pastores e aos empregados da Obra, mas a todos os membros da Igreja.

Alguns sentem-se impelidos a atravessar os oceanos, para se dirigirem para países estrangeiros, defrontando dificuldades da língua e inconvenientes de outros climas.

Contudo, a única fronteira que somos convidados a atravessar para sermos missionários, é a que separa os crentes dos não-crentes. Os milhões de pessoas que vivem nas nossas grandes cidades ou nos campos constituem tantos outros territórios missionários, tal como as selvas de outros Continentes.

Jesus nunca saiu da terra onde nasceu. Não aprendeu nenhuma língua estrangeira, nem viveu entre povos, cuja cultura e costumes não conhecesse. E, contudo, foi Ele «o maior missionário que o mundo jamais conheceu» (*Benef. Social*, pág. 118). O espírito missionário consiste em continuar a obra começada por Jesus. O nosso campo de acção é todo o lugar onde vivem homens e mulheres que não conhecem o Salvador.

Os discípulos sentiam-se impelidos pela urgência da tarefa que tinham de realizar. Foram por toda a parte, anunciando que Jesus salva todos os que acreditam n'Ele, mesmo os maiores pecadores. O Mestre tinha-os aconselhado a que comessem por Jerusalém o seu ministério. A Igreja e as suas missões tinham necessidade de ser estabelecidas sobre alicerces sólidos. Milhares de pessoas converteram-se em Jerusalém. A pregação evangélica estendeu-se da Judéia para a Samaria, depois para a Ásia ocidental, para a Europa oriental, para o norte de África e para todos os países conhecidos, de então.

Naqueles tempos não havia emissões radiofónicas, nem programas de televisão, nem páginas impressas, nem combóios, nem aviões ou automóveis, mas os cristãos tinham um sentido muito vivo da urgência da sua tarefa. Nós, hoje, temos necessidade de possuir o zelo deles e de estarmos animados pelo mesmo Espírito que lhes permitiu proclamar o Evangelho com poder.

A explosão demográfica

No primeiro Pentecostes, havia duzentos milhões de pessoas, na Terra. Hoje há três mil milhões. Desta imensa população, mil milhões nunca ouviram falar de Jesus, isto é, oitocentos por cento a mais do que no tempo do apóstolo Paulo. Há, provavelmente, outros mil milhões que nunca ouviram pregar a Mensagem Adventista. Temos, portanto, um tremendo repto lançado à nossa Igreja, nesta geração!

Mas temos, ainda, outras razões que nos estimulam a realizar o nosso mandato: a impiedade faz incessantes progressos, as nações e os seus governos são cada vez mais anticristãos. Além disso, os campos estão maduros para a colheita, dezenas de milhares de pessoas são levadas pelo Espírito de Deus a procurar a verdade e a salvação. A nossa tarefa nunca foi tão urgente, como hoje, assim como nunca tivemos, como agora, tantas ocasiões para pregar a Mensagem e convidar as multidões a entrar no reino de Deus.

As necessidades aumentam e o tempo aperta, mas Deus providenciou os meios para se levar o Evangelho até às extremidades da terra. A obra radiofónica é um exemplo frizante. Podemos contactar com quinhentos milhões de pessoas, no mesmo momento, com as nossas emissões. Multiplicai este programa pelas centenas de emissões que são difundidas pelos postos regionais e vereis o potencial imenso que a rádio constitui para nós.

A televisão também é um instrumento eficaz na proclamação do Evangelho. Completado pelos Cursos Bíblicos por Correspondência, permite ganhar milhares de almas. A publicidade que se faz aparecer nos jornais é, também, um excelente meio para dar a conhecer os diferentes aspectos da nossa Mensagem e há sempre muitas pessoas que escrevem a pedir as nossas publicações que oferecemos a quem as desejar.

Nas nossas cidades mais populosas, dispomos de outros meios para penetrar nos lares, aparentemente inacessíveis aos métodos tradicionais de evangelização. Também empregamos o telefone para dirigir mensagens de encorajamento! E tantos outros meios também são frutuamente empregados. Assim, por exemplo, grupos de estudantes oferecem, generosamente, uma parte do seu tempo para socorrer tantos necessitados nas nossas cidades!

A importância da página impressa

A página impressa continua a ser um elemento essencial na proclamação do Evangelho. No sul da Índia, onde durante muito tempo se registaram poucos baptismos, um colportor evangelista — que de resto, bateu o *record* das vendas de publicações em 1969, dedicou-se a descobrir pessoas que manifestavam interesse pela nossa Mensagem.

Como consequência do seu trabalho, foram baptizadas cem pessoas, num ano. Têm-se procurado novos métodos de evangelização. Em diversos países, quiosques de jornais vendem agora, também, as nossas publicações adventistas. Numerosos colportores-evangelistas têm sido recrutados e continuamos a ter necessidade de muitos mais para se juntar aos que se encontram, presentemente, a trabalhar.

A Índia foi chamada a Gibraltar do paganismo, porque este povo é profundamente religioso, repleto de Hinduismo, do Islão e do Budismo. Depois de vinte e três anos de duro trabalho, apenas tínhamos mil membros da Escola Sabatina, em toda a Divisão sul-asiática. O Senhor realizou um milagre nesta região do globo, porque, em 1969, tivemos a alegria de baptizar 5 643 pessoas no sul da Índia. Uma missão local alcançou o seu alvo de 5 000 membros, neste ano. Que é que se passara?

Foi, essencialmente, a obra do Espírito Santo nos corações. Um pastor, recentemente consagrado, baptizou 423 pessoas, em 1969. Em catorze meses, trabalhou em cinco novas povoações e fundou uma igreja em cada uma delas. Eis o seu testemunho: «A hora vai adiantada. O nosso povo deve saber que Jesus vai voltar, em breve. Temos de o ajudar a preparar-se. Temos de estar prontos a morrer pela Obra de Deus, se for necessário.» Aconselharam-no a não penetrar em novas localidades, porque não havia lá ninguém para instruir, e que se limitasse a dirigir as cinco igrejas que tinha fundado. No entanto, recebeu a visita de uma delegação vinda de uma aldeia vizinha para lhe pedir que fosse para lá, porque trezentas pessoas estavam prontas a ouvir a sua mensagem e a aceitá-la. Insistiu em que lhe fornecessem ajuda financeira para continuar a sua acção. O secretário da Associação Pastoral desta União afirma que 10 000 localidades situadas neste território podiam ter uma igreja adventista, nos dois próximos anos, se se dispusesse de fundos necessários para evangelizar e instruir convenientemente os novos convertidos.

Dos apelos ao auxílio

Os apelos que nos chegam são perturbadores. De uma aldeia do sul da Índia, o nosso pequeno grupo de membros veio, di-

rectamente, do paganismo, São de uma extrema pobreza. Durante os quatro a seis meses da estação das chuvas, ganham cerca de seis escudos por dia. Dispõem, apenas de um simples vestido e, muitas vezes, só comem uma vez em cada três dias. As suas necessidades são numerosas, mas a única coisa que nos pediram, foi uma pequena casa onde se possam reunir para adorar o verdadeiro Deus. Estão dispostos a construí-la eles mesmos. Tudo o que desejam, é que os ajudemos a obter o material necessário para a construção.

Na América do Sul, a Escola Sabatina é um poderoso meio de evangelização. No decorrer deste último quadriênio, organizaram-se uma média de 250 Escolas Sabatinas, todos os anos, nesta região. Numa Associação, fundaram-se, num só trimestre, noventa novas Escolas Sabatinas. Os jovens organizaram nos arredores da sua cidade, uma campanha de evangelização, graças à qual 162 pessoas foram baptizadas em dois anos. No decorrer de um congresso da juventude adventista de Curitiba, no Brasil, soubemos que estes 163 novos membros dirigiam, agora, 149 Escolas Sabatinas Anexas. Cada membro da Escola Sabatina é um membro activo da Igreja. Assim, não é de estranhar que a América Latina seja, actualmente, o bastião mais forte da Igreja Adventista! Nas Divisões inter-americana e sul-americana, temos mais de meio milhão de membros. No Peru, há mais adventistas do que Protestantes de todas as denominações.

A Federação de São Paulo não ocupa um grande território, mas é a mais importante de todo o mundo. Na aglomeração de São Paulo, temos 150 igrejas com um total de 40 000 membros. Na maior parte das regiões da América do Sul, uma igreja de cem membros é capaz de abrir uma nova capela de trezentos lugares e enchê-la em três anos. A congregação subdivide-se, então para formar duas outras igrejas, ou mesmo mais. Neste mesmo Continente, estamos hoje a receber os benefícios dos resultados da nossa obra educacional graças à qual centenas de obreiros qualificados e consagrados trazem para a Igreja estas abundantes messes de almas.

As actividades missionárias nem sempre são, assim, espectaculares. Algumas desenrolam-se na sombra. Assim, uma mão anónima colocou, um dia, um par de óculos

empregado do hospital de Bacolod visitava todas as semanas os presos de uma cadeia da provincia, onde encontrou um preso que tinha falta de vista e deu-lhe os óculos. Este homem pôs-se imediatamente a ler a Bíblia; aceitou Jesus como seu Salvador e foi baptizado com onze outros companheiros de prisão. Dirije ele, agora, a Escola Sabatina do grupo adventista desta cadeia. Reconciliou-se com a familia e decidiu viver conforme a vontade de Deus.

Um Irmão preso por causa da sua fé

Chega-nos da Etiópia a história de um Irmão que foi preso vinte e uma vezes, por causa de ter dado testemunho da Verdade. Durante uma das suas estadias na prisão, em que lá esteve cinquenta dias, levou quatro outros presos a Jesus.

Graças à sua fidelidade, 150 pessoas tornaram-se adventistas.

Nas florestas do Congo, foi suscitado um novo interesse pela nossa Mensagem. Um funcionário do governo enviou um telegrama urgente para os escritórios da nossa União informando-nos de que uma delegação esperava representantes da nossa Igreja, numa determinada aldeia. Quando o presidente dos campos missionários do Leste do Congo e os seus colegas chegaram àquele lugar, encontraram dezassete indígenas que tinham andado durante catorze dias para lhes apresentarem o seu pedido. O autor do telegrama tinha estudado a Bíblia e fizera perguntas acerca do dia de repouso. Pedira que lhe mandassem as lições da Voz da Profecia e, depois de um estudo pessoal, tinha resolvido guardar o Sábado. Foi várias vezes à sua terra natal para estudar a Bíblia com os seus compatriotas. Estes dezassete delegados representavam 4 030 aldeões da sua terra, que guardavam o Sétimo-Dia da semana e desejavam receber uma instrução complementar. O interesse suscitado nesta aldeia parece ser sincero. Talvez venha a constituir uma das mais abundantes messes de almas recolhidas na nossa Igreja.

Há regiões, nas quais ainda não nos foi possível prégar, publicamente. Contudo, mesmo nestas regiões, já se introduziram algumas verdades adventistas. No Afganistão, por exemplo, o nosso Departamento da Temperança tem emissões radiofónicas, difundidas em três línguas pelo governo. A

nossa Igreja pediu para participar na fundação de uma Faculdade de Medicina. Um médico adventista foi chamado a trabalhar neste país, que é uma verdadeira fortaleza muçulmana.

Uma obra para acabar

Que trabalho é que nos espera? Uma grande expansão da evangelização, precisamente onde a seara está sazoadada; um desenvolvimento rápido da obra educativa nas regiões, onde a Igreja cresce consideravelmente; a possibilidade para os alunos que saem das nossas escolas de consagrarem um ano ou dois ao ensino voluntário na América Latina, na Ásia, na África e na Australásia. Os estudantes missionários fornecem-nos preciosa ajuda. O Serviço Voluntário Adventista realiza também a sua parte, mas não representa senão um por cento da obra que podia ser realizada, se dispuséssemos dos fundos necessários para as nossas igrejas, as nossas escolas e os nossos hospitais nos países desfavorecidos.

Reconhecemos, antes de mais, que a Igreja Adventista é uma Igreja de leigos. Temos necessidade de convenções que preparem os leigos zelosos a tornarem-se membros oficiantes nas suas igrejas. A Igreja inteira deve unir-se para cumprir a sua missão. «Todos são igualmente chamados a ser missionários para Deus». (*Ciência do*

Bom Viver, pág. 385). «Se a Igreja de Jesus Cristo tivesse cumprido, fielmente, a tarefa que o Senhor lhe confiou, o mundo inteiro já teria sido advertido, e o Senhor Jesus já teria vindo, com poder e grande glória». (*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 312). O testemunho dos irmãos e das irmãs leigas constitui a maior força da Igreja.

Temos de nos desembaraçar, sem mais demoras, da tarefa que nos foi confiada. Aquilo de que o mundo tem mais necessidade urgente, é que a Igreja em peso se levante para pregar o Evangelho «a toda a tribo, a toda a língua, e a todo o povo».

Estamos reconhecidos ao Senhor pelos maravilhosos progressos realizados, actualmente, na Sua Obra. Numerosos campos estão prontos para a messe. O Senhor está disposto a espalhar sobre nós o Seu Espírito, sem medida. Vamos fazê-lo esperar ainda muito tempo? Descerão à sepultura milhões de pecadores sem terem ouvido a boa nova da salvação? A pregação do Evangelho é, decerto, um dos fundamentos da Igreja Adventista. O Senhor acabará a Sua Obra. Pede-nos que «vamos» e que «ensinemos», que consagremos a nossa vida à proclamação do Evangelho e que contribuamos generosamente, para que outros também possam pregar. Este apelo é hoje mais urgente do que nunca. Qual vai ser a nossa resposta?

Marcos que proclamam uma Verdade Gloriosa

FRANK W. HALE, JR.

Presidente do Colégio Oakwood

«Triunfo e glória, Jesus volta, em breve! Hossana, Jesus volta!» As palavras deste hino (adaptado do inglês: «Lift up the trumpet») exprimem a bem-aventurada esperança que une todos os autores do Novo Testamento «a vinda do dia de Deus» (2.^a Pedro 3:12). É a promessa do próprio Jesus: «Virei outra vez». À nossa volta multiplicam-se sinais extraordinários provando que o Senhor está próximo, está à porta.

No fim do Seu ministério terrestre, o Salvador traçou a crônica dos acontecimentos que se desenrolariam na terra, antes da Sua volta gloriosa. Os discípulos tinham-lhe anteriormente feito a seguinte pergunta: «Dize-nos, quando serão essas coisas, e que sinal haverá da Tua vinda e do fim do mundo?» (S. Mateus 24:3).

Mergulhando o olhar no futuro, Jesus respondeu, indicando com uma maravilhosa precisão um certo número de sinais precursores da Sua volta. Estes sinais representam para nós os marcos que estão escalonando a história dos últimos tempos. A Bíblia contém muitas profecias que anunciam as condições gerais do mundo, antes da Volta de Jesus e os acontecimentos que se desenrolarão nessa época.

Durante a travessia do deserto, uma coluna de nuvens conduziu os filhos de Israel de dia, e uma coluna de fogo dirigiu-os, durante a noite. Uma estrela luminosa guiou os Magos do Oriente até Belém para que fossem testemunhas do milagre do nascimento de Jesus. Os sinais que anunciam a proximidade da parusia serão, para os homens do século vinte, as colunas de fogo e de nuvens e as luminosas estrelas.

Sinais no mundo económico

O apóstolo S. Tiago declarou que os últimos dias seriam caracterizados por conflitos entre os patrões e os operários. Os trabalhadores que são vítimas da injustiça dos seus patrões, são convidados a ter paciência porque «a vinda do Senhor está próxima» (Tiago 5:1-9).

Depois da desvalorização da libra esterlina, em Novembro de 1967, os homens de negócios vivem no temor contínuo que venha uma tormenta maior a perturbar o equilíbrio financeiro mundial. A conversão maciça de dólares em ouro que resultou daquela operação, levou mais de mil milhões de dólares para fora dos bancos americanos e custou à Inglaterra, país que ocupa o sétimo lugar no mercado do ouro, perto de cinquenta mil milhões de escudos.

É um dos numerosos problemas económicos que implicou a inflacção, o *deficit* na balança de pagamentos e uma perturbação nos mercados mundiais.

O recrudescimento da inflacção e do desemprego tem provocado numerosos conflitos sociais. Multiplicam-se as greves, atingindo, pouco a pouco, todos os sectores: a indústria, o comércio, os serviços públicos, a imprensa, etc.

Sinais no mundo político

Uma civilização assenta, em grande parte, numa larga identidade de vistas. Mas, quando se multiplicam as divergências de opiniões e se tornam mais profundas, quan-

do os sistemas educativos têm objectivos contrários, quando as classes sociais dividem os povos e quando as nações têm ideais incompatíveis uns com os outros, — são, então, inevitáveis, a desconfiança, a guerra, a revolução, a violência e a confusão.

Jesus anunciou que «a angústia entre as nações» e «o aumento da iniquidade» seriam sinais anunciadores da proximidade da sua Vinda.

Efectivamente, as nações estão em angústia, por causa da situação internacional e das dificuldades que encontram na sua política interna. O mundo debate-se numa selva de guerras, de pauperismo, de preconceitos de todas as espécies e de desentendimento entre os povos. Vivemos numa sociedade perturbada, porque se encontrou projectada, súbitamente, na era da electrónica!

Abunda por toda a parte a angústia. As agitações estudantis, a guerra do Vietname, o conflito israelo-árabe, o recrudescimento da violência e do crime, a desintegração dos valores, o fosso que separa as gerações, a discriminação racial e o proletariado, tudo isto são outras tantas manifestações.

Sinais no mundo religioso

Na sua Segunda Epístola a Timóteo, o apóstolo Paulo fala dos «tempos difíceis» dos últimos dias. «Porque haverá homens amantes de si mesmos, avarentes, presunçosos, sobrebos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos, sem afecto natural, irreconciliáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, sem amor para com os bons, traidores, obstinados, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela» (2.^a Timóteo 3:2-5).

Uma vez que estes pecados abundam nos meios que se dizem cristãos, tornou-se difícil, tanto para as pessoas irreligiosas como para as que frequentam as igrejas, compreender o que significa o poder transformador de Cristo, de que falamos, muitas vezes, os crentes.

Vivemos numa época em que os escarnecedores não só rejeitam «a promessa da Sua vinda», como também a própria ideia de Deus pessoal. Por isso não é de admirar

que o mundo tenha chegado a um tal estado de confusão. A negação de Deus afecta, directamente, o sentido moral. Verifica-se, por toda a parte, um abandono das responsabilidades, tanto no lar, como na escola, como na igreja. Concede-se à consciência individual uma autoridade, cada vez maior.

Eis os termos em que David Raphael Klein descreve o estado confuso da nossa crença actual no seu artigo intitulado «Is there a substitute for God?» (Pode Deus ser substituído?), publicado no «Reader's Digest» de Março de 1970: «Alguns, ao longo do caminho, talvez na época de Gutemberg, de Galileu ou de Darwin, os Ocidentais começaram a perder a sua confiança num Deus pessoal, num Ser de quem depende o destino do homem. A ideia de que Deus criou o homem no jardim do Éden já está fora de moda; nós somos o resultado da evolução! A filosofia moderna considera a vida como produto do acaso; para alguns pensadores, o pecado é a consequência de uma educação defeituosa ou da aquisição de maus hábitos. Para outros, é uma pura ficção».

A ideia de que o indivíduo não é moralmente responsável senão perante si mesmo, deu origem, no século vinte, às ideologias do comunismo, do fascismo e do socialismo. Quando as multidões declaram explícita ou tãticamente que não têm necessidade de Deus, é certo e sabido que sobrevêm, inexoravelmente, sérias dificuldades. Os cristãos lembram-se, então, de que Deus é a sua esperança e «levantam a cabeça porque a sua libertação está próxima».

Sinais no mundo físico

Segundo os entendidos, de todos os ciclones registados nas regiões habitadas do Hemisfério Norte, o ciclone Camilo foi o mais devastador. No dia 17 de Agosto de 1969, Camilo devastou a cidade de Gulfport, do Mississipi. Um maremoto de seis metros de altura provocado por um vento que sopra a 320 quilómetros por hora recobriu, totalmente, aquela cidade. O furacão arancou tudo na sua passagem, destruindo 199 468 casas de habitação e 709 armazéns. Dois postes telegráficos e pilares de cinquenta centímetros de diâmetro foram le-

vados como palhas. Foi um milagre o facto deste ciclone, extraordinariamente violento, não ter feito mais de 130 vítimas.

Toda a gente julgou que tinha chegado o fim do mundo, quando um pavoroso ciclone açoitou as populações densas do Delta do Ganges, no Paquistão Oriental, em 13 de Novembro de 1970. Segundo alguns jornalistas, foi esta a maior catástrofe natural do século vinte. Ninguém conhece, exactamente, o número de vítimas, mas os observadores falam em mais de um milhão. Em tempos idos, o maior cataclismo tinha sido a inundação provocada pelo rio chinês Uang-ho, em 1887, que causou a morte de 900 000 pessoas. As perdas do Paquistão Oriental em casas, colheitas, reservas alimentares excedem todas as estimativas. O horrível espectáculo daquelas ilhas submergidas por seis a dez metros de água, é uma realização chocante da profecia que faz alusão «ao bramido do mar e das ondas».

Sinais no mundo científico

Decorreram cinco mil anos, entre a ida-de da agricultura e a revolução industrial, mas apenas cento e cinquenta anos entre esta revolução industrial e a revolução tecnológica. Desde o fim da segunda guerra mundial, que coincide aproximadamente com o princípio deste era de tecnologia, fomos projectados num mundo de mutações aceleradas, no qual a única certeza que temos é a de que as coisas mudarão ainda mais depressa amanhã do que hoje.

Os meios de transporte transformaram-se, consideravelmente. Os Pais Peregrinos levaram cerca de sessenta dias para atravessar o Atlântico, Agora, podemos ir de Nova Iorque a Londres, em seis horas. Na época da conquista da lua, as viagens de avião são ultra-rápidas.

A busca da potencialidade também tomou proporções enormes. Durante séculos, o homem dependia, para realizar o seu trabalho, apenas, da sua força muscular. Depois, aprendeu a servir-se da dos animais e, mais tarde, da energia produzida pelo vento, pelas quedas de água, pelo carvão e pelo petróleo.

Vivemos numa época de automação. Para realizar grandes trabalhos, apelamos, não só para as possibilidades humanas, mas também para as máquinas. Os calculadores electrónicos trabalham com mais precisão do que os cérebros humanos, tendo estes, ainda o inconveniente de serem sensíveis à fadiga.

O aumento do conhecimento em todos os dominios da vida devia consciencializar-nos da iminência da Volta do Senhor.

Aproxima-se a hora da libertação

A sucessão, cada vez mais rápida, dos cataclismos e dos acontecimentos dramáticos adverte-nos, claramente, que o Mestre se aproxima, que está à porta. O flagelo da guerra, do pauperismo e da fome parece que desabou sobre o nosso mundo, sem haver possibilidade de lhe pôr cobro. Da mesma maneira, o orgulho do homem que se julga superior a tudo o que existe no universo, parece não ter limites.

Nestes tempos perturbados, a verdade é que Deus não abandonou o Seu povo. Por causa do Seu grande amor para com os Seus filhos, lembra-Se da Sua promessa: «Terei compaixão deles como um homem tem compaixão do seu filho, que o serve» (Malaquias 317). No meio das circunstâncias trágicas dos últimos dias, o povo de Deus sabe que a mensagem de um velho «espiritual negro» se dirige também a eles: «Bem depressa, acabarei com as dificuldades deste mundo». (Soon I will be done with the trouble of this world).

As lutas e as dificuldades desta vida em breve desaparecerão, e veremos, então, a realização das nossas esperanças. Sabemos que virá o dia, em que os nossos corpos ressuscitarão, em que também encontraremos os nossos queridos desaparecidos, em que veremos o nosso Salvador, frente a frente e viveremos em comunhão fraternal com a multidão dos resgatados: estas felizes perspectivas permitem-nos, a nós, cristãos adventistas, viver, cada dia, na esperança e na alegria. Praza a Deus que nos encontremos todos no reino dos céus!

Fundamentos, Colunas e Marcos Eternos

ELLEN G. WHITE

«Assim diz o Senhor: Ponde-vos nos caminhos, vêde e perguntai pelas veredas antigas, qual é o bom caminho, e andai por ele, e achareis descanso para as vossas almas» (Jeremias 6:16).

Que ninguém procure minar os fundamentos da nossa fé, esses fundamentos que foram postos no começo da nossa Obra mediante a oração fervorosa, o estudo da Palavra de Deus e a revelação. É sobre estes fundamentos que fomos edificados... Imaginam alguns poderem, talvez, descobrir um novo caminho e terem o direito de «pôr outros fundamentos diferentes dos que já foram postos». É um grave erro.

No passado, houve muitos que procuraram formular uma fé nova e estabelecer novos princípios. Mas durante quanto tempo se manteve de pé tal edifício? Não tardou a ruir, porque não tinha sido construído sobre a Rocha...

Sejamos fiéis até ao fim. O Senhor dirigiu uma poderosa Mensagem ao Seu povo para o fazer sair do mundo e levá-lo, progressivamente, para a luz da verdade presente. Com lábios purificados pelo fogo do altar, os servos de Deus têm prégado em Seu nome. O Senhor colocou o Seu selo sobre a verdade que eles proclamaram ⁽¹⁾.

São muitos os nossos irmãos e irmãs que não se dão conta da solidez com que foram colocados s fundamentos da nossa fé ⁽²⁾. O meu marido e os irmãos Joseph Bates, Stephen Pierce, Hiram Edson e outros que eram sinceros e cheios de ardor, faziam parte daqueles que, depois da decepção de 1844, procuraram a Verdade, com um precioso tesouro.

Reuníamos-nos com o sentimento do pesado fardo que nos sobrecarregava os ombros, para orar, para chegarmos à unidade da fé e da doutrina, porque sabíamos que Jesus não está dividido. Todos os dias examinávamos um assunto particular. Abríamos as Sagradas Escrituras com santo e

respeitoso temor. Chegámos, muitas vezes, a jejuar, para estarmos melhor preparados para compreender a Verdade. Depois de uma fervorosa oração, se qualquer assunto ficasse por compreender, era por nós discutido, e cada qual exprimia, livremente, a sua opinião; depois, ajoelhávamo-nos, de novo, em oração, pedindo ao Senhor que viesse em nosso auxílio, dando-nos a devida compreensão para podermos ser um só, como Jesus e o Pai são um. Muitas vezes se nos enchiam os olhos de lágrimas.

Passávamos, assim, muitas horas, a son- dar, solenemente, a Sagrada Escritura, para podermos compreender a Verdade para o nosso tempo. Em certas ocasiões, o Espírito de Deus descia sobre mim, e determinados passos difíceis tornavam-se-nos claros. Formávamos, então, uma perfeita harmonia. Todos nós éramos um só coração e uma só alma ⁽³⁾.

O inimigo porá em operação tudo para desarraigam a confiança dos crentes nas colunas da nossa fé nas mensagens do passado, as quais nos colocaram sobre a elevada plataforma na verdade eterna, e firmarm e imprimiram cunho à obra. O Senhor Deus de Israel guiou o Seu povo, revelando-lhe verdades de origem celestial. A Sua voz foi ouvida e ainda o é, dizendo: Ide avante, de força em força, de graça em graça, de glória em glória». A obra está-se fortalecendo e ampliando, porque o Senhor Deus de Israel é a defesa do Seu povo.

Aqueles que se apegaram à verdade teoricamente, com a ponta dos dedos, por assim dizer, que não levaram os seus princípios ao santuário interior da alma, antes conservaram a verdade vital no pátio exterior, não verão nada de sagrado na história passada deste povo, a qual deles tem feito o que são, e os tem firmado como obreiros missionários diligentes, decididos no mundo.

Preciosa é a verdade para este tempo;

mas aqueles cujo coração não foi quebrantado mediante o cair sobre a Rocha que é Cristo Jesus, não verão nem compreenderão o que é a verdade. Aceitarão o que lhes agrada às ideias e começarão a manufacturar outro fundamento que não é aquele que foi posto. Lisonjearão a sua própria vaidade e estima, pensando que são capazes de remover as colunas da nossa fé, e substituindo-as por outras da sua própria invenção.

Esta situação manter-se-á, até ao fim dos tempos. (4).

Um ataque subtil contra os fundamentos da nossa fé

Jesus predisse que o aparecimento de enganadores seria acompanhado de mais perigos para os Seus discípulos, do que a própria perseguição.

Esta advertência é várias vezes repetida. Contra os sedutores com os seus problemas científicos, deviam acautelar-se mais do que contra qualquer outro perigo que eles tivessem de enfrentar; pois a entrada destes espíritos sedutores significa a introdução dos erros especiosos engenhosamente preparados por Satanás para enfraquecer as percepções espirituais dos que não tiveram senão uma pequena experiência nas operações do Espírito Santo, e dos que ficam satisfeitos com um bem limitado conhecimento espiritual. O esforço dos sedutores tem sido minar a confiança na verdade de Deus e tornar impossível discernir a verdade do erro. Problemas científicos admiravelmente aprazíveis, fantasiosos, são apresentados com insistência à atenção dos incautos; e a menos que os crentes se achem em guarda, o inimigo disfarçado em anjo de luz, induzi-los-á a seguirem falsos caminhos...

Satanás pode jogar hábilmente a partida da vida com muitas almas, e opera de maneira capciosa, enganadora, para estragar a fé do povo de Deus e o desanimar. Ele trabalha hoje, como o fez no céu, para dividir o povo de Deus, justamente na derradeira etapa da história terrestre. Ele procura suscitar dissensão, levantar contendas e discussões, e remover, se possível for, os velhos marcos da verdade confiada ao povo de Deus. Procura fazer parecer como se o Senhor os contradissesse.

É quando Satanás aparece como anjo de

luz que ele apanha as almas nas suas ciladas, enganando-as. Homens que pretendem haver sido ensinados por Deus, adotarão teorias falazes, e no seu ensino adornarão, de tal forma, essas falácias que introduzirão ilusões satânicas. Assim se apresentará o adversário como um anjo de luz, e terá ensejo de introduzir as suas fábulas aprazíveis.

Temos de nos opor a esses falsos profetas. Esforçam-se eles por seduzir um grande número de almas, levando-as a aceitar as suas falsas doutrinas. Numerosos passos da Sagrada Escritura serão interpretados falsamente, de modo que essas teorias sedutoras parecem estar assentes na Palavra de Deus. Deste modo, preciosas verdades bíblicas, falsamente interpretadas, contribuirão para estabelecer o erro.

Pretendendo ser instruídos por Deus, estes falsos profetas utilizarão os maravilhosos textos das Escrituras, destinados a ilustrar a verdade como um manto de justiça para dissimular teorias falsas e perigosas. Mesmo certas pessoas que outrora obedeceram ao Senhor, abandonarão a verdade para se tornarem defensores de atraentes teorias sobre vários aspectos da verdade, incluindo a doutrina do Santuário (5)

Toda a espécie de rumores se fizeram ouvir sobre os Adventistas do Sétimo-Dia para eclipsar a verdade que, ponto por ponto, havia sido rebuscada mediante um estudo piedoso e confirmado pelo poder miraculoso do Senhor. Mas os resultados das nossas buscas que fizeram de nós o que hoje somos, têm de ser preservados, e sê-lo-ão, conforme Deus o assinalou na Sua Palavra e pelo testemunho do Seu Espírito. Convida-nos a permanecer firmes, a ligarmos-nos à nossa fé e aos princípios fundamentais baseados numa autoridade incontestável...

Como Igreja, temos de permanecer na plataforma da verdade eterna que tem resistido a todas as provações. Os princípios da verdade que Deus nos revelou constituem o nosso único fundamento. Fizemos de nós o que somos. O tempo em nada lhes diminuiu o valor. (6)

A Igreja está agora empenhada numa luta, cuja intensidade irá sempre aumentando... Nenhuma coluna da nossa fé deve ser derrubada. Nenhum preceito da verdade

revelada deve ser substituído por teorias novas e fantasistas.

A verdade foi-nos claramente revelada. Sob as directivas do Senhor, têm sido publicadas várias obras que estabelecem, sem contestação, a verdade para o nosso tempo. Se não a aceitardes, também nem sequer acreditareis que um morto pode resuscitar. (7)

«E as intimarás a teus filhos»

Os filhos são muitas vezes criados longe dos antigos caminhos... Os que conhecem a verdade, lhe atribuem todo o seu valor, e têm uma profunda experiência espiritual, devem ensinar a sã doutrina aos seus filhos. Têm de os familiarizar com as grandes colunas da nossa fé e fazer-lhes compreender as razões pelas quais somos Adventistas do Sétimo-Dia e fomos chamados, como os filhos de Israel, a ser um povo à parte, uma nação santa e distinta de todos os outros povos. Expliquemos tudo isto aos nossos filhos, numa linguagem simples, fácil de compreender. À medida que eles forem crescendo, também iremos adaptando estas mesmas lições à sua idade e ao seu nível mental até que neles criem profundas raízes os fundamentos da verdade. (8)

A visão da plataforma

Vi um grupo de pessoas que permanecia bem guardado e firme não dando atenção aos que faziam vacilar a estabelecida fé da comunidade. Deus olhava para eles com aprovação. Foram-me mostrados três degraus — a primeira, a segunda e a terceira mensagens angélicas. Disse o meu anjo assistente: «Ai de quem mover um bloco ou mexer num alfinete dessas mensagens. A verdadeira compreensão dessas mensagens é de vital importância. O destino das almas depende da maneira como forem recebidas». De novo fui conduzida às três mensagens angélicas, e vi com que alto preço o povo de Deus havia adquirido a sua experiência. Fora esta alcançada através de muito sofrimento e de severo conflito. Deus os havia conduzido, passo a passo, até que os pusera sobre uma sólida

plataforma inamovível. Vi pessoas aproximarem-se da plataforma e examinar-lhe o fundamento. Alguns, com alegria, imediatamente subiram para ela. Outros começaram a encontrar defeitos no fundamento. Achavam que se deviam fazer melhoramentos, e então a plataforma seria mais perfeita e o povo muito mais feliz. Alguns desceram da plataforma para a examinar, e declararam que tinha sido colocada erradamente. Mas eu vi que quase todos permaneciam firmes sobre a plataforma e exortavam os que tinham descido a acabar com as suas queixas, pois fora Deus o Mestre Contrutor e eles estavam lutando contra Ele. Consideravam a maravilhosa obra de Deus, que os levava à firme plataforma, e em união, levantaram os olhos ao céu e, com alta voz, glorificavam a Deus (9).

Fiéis até o fim

Podemos estar certos de que a grande apostasia anunciada nas Sagradas Escrituras se produzirá, em breve; irá aumentando, alastrando até que o Senhor desça dos céus, ao som da trombeta. Mantenhamo-nos fiéis aos antigos princípios da nossa Mensagem e exercitemos a nossa fé para que se torne cada vez mais firme. Conserve-mos até ao fim a verdade que nos foi comunicada pelo Espírito Santo, no início da história da nossa Denominação.

Precisamos, agora, de possuir uma fé mais profunda e mais ardente nas directivas do Espírito Santo. Se as manifestações do poder do Espírito nos foram necessárias no começo para nos guiar através da verdade... também, agora, temos necessidade de que este mesmo poder confirme, hoje, a nossa fé, quando almas abandonam a Palavra de Deus «para se ligarem a espíritos sedutores e a doutrinas de demónios». Não nos deixemos enfraquecer (10).

Os anos que já decorreram não enfraqueceram um só princípio da nossa fé tal como foi confirmada por maravilhosos testemunhos, em 1844... Nenhum elemento da nossa doutrina foi mudado ou desmentido. O que o Espírito Santo ensinou, como sendo a verdade depois do nosso grande desapontamento, isso mesmo é, hoje, o sólido fundamento da nossa fé. Estas colunas fo-

ram postas graças às revelações que nos foram feitas, e também por termos aceitado os princípios fundamentais que fizeram de nós o que somos, isto é, Adventistas do Sétimo Dia, que «guardam os Mandamentos de Deus e a fé de Jesus» (11).

As nossas almas têm necessidade de serem vivificadas por Aquele que é a fonte de todo o poder. Fortifiquemo-nos e apoiemo-nos nos elementos essenciais da verdade que fizeram de nós o que somos (12).

- (1) *Review and Herald*, 3 March 1904.
(2) *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pág. 206.
(3) *Testemunhos para Ministros*, p. 24, 25.
(4) *Mensagens Escolhidas*, vol. 2 p. 338, 389.
(5) *Evangelismo*, p. 359, 360. (6) *Counsels to Writers and Editors*, p. 52. (7) *Medical Ministry*, p. 96. (8) *Testemunhos*, vol. 5, p. 330. (9) *Primeiros Escritos*, p. 258, 259.
(10) *Special Test.*, série B, n.º 7, p. 57. (11) *Idem*, p. 58. (12) *Idem*, p. 57.

A Justificação pela Fé

por Frank Wall

A justificação pela fé é, para muitas pessoas, um tema familiar, e assim deve ser. É-nos dito que este assunto deve ser a medula e o coração de todos os sermões. Constitui realmente o centro do ensino de Paulo. Nos versículos finais do capítulo terceiro de Romanos, Paulo apresenta várias verdades importantes: 1) O propósito da lei, 2) o carácter universal do pecado, e 3) o remédio para o pecado.

A Idéia de Paulo Sobre o Propósito da Lei. O inimigo do homem sempre trabalhou para desligar a lei, do evangelho, mas no plano de Deus ambos vão de mãos dadas. Alexandre Maclaren, o grande pregador e comentarista bíblico escocês, observa que toda a Palavra de Deus, seja ordem, doutrina ou promessa, contém em si algum elemento que trata da conduta do homem; que Ele não revela simplesmente o que carecemos conhecer, mas que, conhecendo, possamos fazer o que é direito. A lei é uma testemunha activa a impressionar a consciência do homem com a convicção do pecado. Argumentam alguns que constitui acto cruel da parte de Deus atormentar a consciência humana; que o homem, assim,

é levado ao desespero, à insanidade, e mesmo à morte em consequência dos tormentos de uma consciência culpada. Pelo contrário, embora o remorso sem arrependimento possa, na verdade, ser uma experiência crucial e desesperançada, a consciência é um dom misericordioso, um requisito necessário à fé que salva.

De um modo geral, o profundo senso de pecado em Israel era predominantemente resultado da lei revelada. Portanto, o propósito da lei, quer no Velho Testamento, quer escrita no coração, é trazer o homem a Cristo, o qual proverá o poder que habilita o homem a guardar a lei de Deus. «Anulamos, pois, a lei pela fé? De maneira nenhuma, antes estabelecemos a lei». (Romanos 3:31).

A Idéia de Paulo Sobre o Carácter Universal do Pecado. Paralelamente ao ensino paulino concernente ao propósito da lei está o facto do carácter universal do pecado. No versículo 20 há a declaração negativa: «Nenhuma carne será justificada... pelas obras da lei». E no verso 23 segue-se a asserção positiva de que «todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus».

Não há uma tão grande diferença entre os membros da raça humana como às vezes gostamos de supor. Os homens são iguais pelo menos num ponto: a nódoa fatal do pecado está sobre todos. Não importa em que direcção possamos viajar, quão longe possamos estar, nem quão degradado possa ser um membro da humanidade que possamos encontrar, somos todos iguais no facto de ser pecadores. Todos são fundamentalmente iguais nas necessidades físicas, nos instintos comuns, — o que é mais trágico — na experiência comum do pecado. Jeremias fala do coração humano — não de alguns corações — ao afirmar: «Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso» (Jeremias 17:9). O evangelho seria melhor compreendido se, de facto, o carácter universal do pecado fôsse mais intensamente sentido.

Em Romanos 3:22, Paulo faz uma declaração bem positiva: Diz ele: «Não há diferença». Não pude encontrar uma tradução que dissesse não haver muita diferença. Os característicos pelos quais os homens se igualam são muitíssimo mais importantes do que aqueles pelos quais se diferenciam. As diversidades podem ser superficiais, porém as identidades são tão profundas como a vida. O cristianismo cuida das semelhanças fundamentais, e põe de lado como de secundária importância as diversidades subordinadas. Trata dos característicos e factos comuns à humanidade.

O evangelho não assevera que não há diferença alguma quanto ao grau de pecado. Não se trata de questão de grau mas de direcção — não quanto à distância que o navio atingiu em seu curso, mas que caminho tomou. Isto é o «jogo das velas». O novo Testamento não ensina que todas as trevas têm a mesma forma — que o homem que tenta fazer o bem de acordo com a luz que tem acha-se no mesmo nível do homem que negligencia todas as obrigações. Procura justificar falhas e notórias fraquezas; contudo estas e outras maneiras pelas quais procura suavizar a fealdade de uma coisa feia não altera sua natureza. A despeito dos termos convencionais que empregue para designar seus maus traços de carácter, eles permanecem definidos como pecado quando o holofote da lei de Deus lhes revelar o verdadeiro carácter.

Não há diferença alguma no facto de Deus amar ao homem. Deus não o ama pelo que ele é. Tampouco deixa de amá-lo por ser o que é. Não temos que abastecer a inexaurível fonte do amor de Deus com os nossos méritos. Contudo, o pecado pode tornar-nos incapazes de receber as mais ri-

cas bênçãos desse amor. O homem não pode impedir o Sol de brilhar, mas pode cerrar as cortinas. Não pode impedir ao riacho de fluir, mas pode impedir que a bilha se encha da água da vida, e o faz.

Não há diferença alguma na maneira em que o homem deve receber a salvação. A única coisa que o une a Cristo é a fé (Romanos 3:22). Precisa confiar em Deus, em Seu sacrificio, no poder de Seu amor vivo. O homem precisa confiança de si mesmo. Quase todos têm, pelo menos, um amigo em cujas mãos confiaria a própria vida sem hesitação. Por que não confiarmos em Cristo, nosso Redentor infalível?

As pessoas com quem Paulo argumenta neste capítulo estavam dispostas a admitir que a fé era essencial ao cristianismo, mas queriam acrescentar alguma coisa mais à sua própria moralidade. Contudo não pendiam metade para Cristo e metade para eles mesmos. Tampouco nós o podemos fazer. O banquete provido por Cristo não é uma ceia trivial para a qual cada um leva um prato. Quando vamos a Cristo podemos apenas levar unicamente as mãos vazias e um coração e mente receptivos. Não é fácil livrar-se da ideia do mérito pessoal.

Não há nenhuma diferença no poder de Cristo em favor de todos. Naamã era um nobre e esperava ser tratado como tal; no entanto ofendeu-se por Elias tê-lo tratado como leproso. Porém na causa que o trouxe a Elias, não era ele diferente do mais humilde leproso mendigo da Samaria.

Na presença de Cristo não há incuráveis. Quando Ele curava não havia diferença entre lepra, amigdalite ou resfriado comum. O registo sacro nos diz que Ele curava a todos. O mesmo ocorre hoje.

A Idéia de Paulo Quanto ao Remédio para o Pecado. A mensagem contida neste terceiro capítulo de Romanos nos é tão familiar que corremos o risco de perder o sentido de sua grandeza e maravilha essenciais. «Mesmo a justiça de Deus, a qual é pela fé de Jesus Cristo». Que Deus confere Sua justiça não somente como provinda d'Ele por meio de Jesus Cristo, mas como uma parte de Sua própria perfeição, é uma verdade incontestável. Necessitamos meditar mais neste precioso tema até que ele readquirira, em nossa experiência, a luz celestial que lhe pertence.

Nesta mesma passagem (capítulo 3:21) verificamos que a fé é a condição de justiça — Cristo é o canal. Contudo o ponto essencial da confiança em Cristo é apresentado nos versículos 24 a 26. Há aí algumas palavras de grande valor! «Justifica-

dos». «Propiciação». «Redenção». «Justiça» de Deus. Ser justificado significa ser declarado justo por um acto judicial. A justificação tem sua origem suprema na graça de Deus. E esta graça tem sido definida como amorosa disposição de Sua parte. É ilustrada como a mão de Deus estendendo-se para baixo a fim de agarrar a mão do homem. A redenção — meio da outorga da graça divina — implica um cativo e uma libertação por determinado preço. O verso 25 nos diz que este preço de resgate foi o sangue de Cristo — Sua morte. Há pouco tempo, um professor dirigiu-se a mim, exibindo um distintivo na lapela, o qual indicava haver ele doado dois litros e meio de seu sangue, num período de anos. Blasonam os homens, de modo sem dúvida justificável, em serem doadores de sangue para que vidas alheias sejam mantidas. Cristo, porém, deu não umas gramas, ou litros aos poucos, aqui e ali através de Sua existência terrena de trinta e três anos; deu sim todas as gotas de Seu sangue, deu-o completamente, e esse sangue foi poderosamente suficiente para salvar da morte para a vida eterna todos os seres humanos que nasceram e que hão-de nascer.

A redenção por meio de Cristo é a operação mais sublime da história do universo.

Por um acto de fé simples, ao pecador contaminado e perdido, é dado pleno crédito para as vitórias terrenas e os actos correctos de Jesus. A redenção do homem é assegurada por esta aceitação. Ela se torna, na verdade, o negócio mais desigual que se pode conceber. Todo o meu passivo em troca de todo o Seu activo! Não admira que o inimigo de Deus e do homem não se agrada de que esta verdade da Palavra de Deus seja apresentada com clareza. Sabe ele que, sendo ela recebida plenamente, seu poder será minado.

Observamos duas faces no transferir da justiça de Cristo. Primeira, ela é imputada ao pecador arrependido e, a seguir, na realidade comunicada ao cristão. «Porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de Seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela Sua ida (Romanos 5:10). Tão simples, no entanto tão incompreensivelmente maravilhoso! Paulo chama a isto um mistério. É na verdade o mistério dos séculos, sòmente compreendido por aqueles que o experimentam; e experimentado sòmente pelos que aceitam a Cristo e Lhe demonstram fé no poder salvador. O aceitar o Senhor Jesus na alma, requer fé que seja simples em seu operar e maravilhosa nos resultados. Muitos professos cristãos que têm o conhecimento da Palavra Sagrada e crêem na sua veracidade falham em confiar como meninos.

No capítulo quatro de Romanos, Paulo se serve da experiência de Abraão para demonstrar que o programa de Deus para a raça humana pode efectivamente ser levado a bom êxito. No versículo 20 lemos que Abraão não duvidou da promessa de Deus por incredulidade, mas foi fortificado na fé, dando glória a Deus». Lutero assim traduziu este passo: «Ele creu na esperança quando nada havia por que esperar». A cada um de nós é dada certa porção de fé, talvez tão pequena como um grão de mostarda, mas se é exercitada poderá crescer a ponto de tornar-se fé igual à de Abraão. Dessa forma cumpriremos o propósito da lei: tendo fé simples no derramamento de Seu sangue, e crendo que ele nos pode purificar do pecado. Somos então justificados, e permanecemos justos enquanto mantivermos o apêgo àquela fé que se apodera da mão de Deus em toda a emergência.

Visado pela Censura